



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

# **Desinformação em Contexto de Guerra Híbrida: A Guerra na Ucrânia e a Confiança nas Fontes.**

Departamento de Comunicação

Mestrado em Comunicação Social - Novos Media

2024, Diana Seco dos Reis



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Diana Seco dos Reis

Desinformação em Contexto de Guerra Híbrida: A Guerra na Ucrânia e a Confiança nas Fontes.

Dissertação de Mestrado em Comunicação Social - Novos Media, apresentada ao  
Departamento de Comunicação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do  
grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Gil António Baptista Ferreira

Outubro, 2023

## AGRADECIMENTOS

“Gratitude unlocks the fullness of life. It turns what we have into enough, and more.

It turns denial into acceptance, chaos to order, confusion to clarity.”

MELODY BEATTIE

À minha mãe e irmã por me terem incentivado a quebrar o mito imposto por mim que não seria capaz o suficiente para chegar até onde me encontro.

Ao meu namorado que tem levado a vida às costas para que me possa concentrar nos meus estudos e em ser a melhor pessoa que posso.

Aos meus amigos, especialmente à Ana, por lidar com a minha personalidade caótica e pensamento autosabotadores, referindo sempre palavras de encorajamento.

Ao meu orientador, Professor Doutor Gil Ferreira, que até ao final acreditou e esteve lá para mim, levando-me a alcançar a totalidade do meu potencial.

A todos aqueles, que perderam o seu tempo, para que estes estudos tivessem uma finalidade que no seu esplendor possa chegar ao futuro com um pouco de compreensão sobre o presente.

## **Resumo**

Na atualidade, vivemos numa era caracterizada pela constante proliferação de informações, contudo, não podemos garantir a qualidade dessas informações. Esta dissertação tem como desiderato primordial realçar a relevância da difusão de informações verídicas e fomentar a literacia mediática. A sua ênfase recai na guerra russo-ucraniana, um contexto particularmente sensível em que a disseminação de notícias falsas tem tido repercussões significativas.

Esta pesquisa procura responder a um conjunto de questões filiais, tais como a forma como a sociedade avalia a fiabilidade e a validade das formas de informação, especialmente num ambiente sobrecarregado de informações; qual é a relação entre a proliferação de notícias e a percepção da fiabilidade das informações; e de que forma os líderes populistas recorrem aos meios de comunicação para amplificar a sua mensagem, influenciando a opinião pública.

A investigação foi conduzida através de um de um questionário online, cujas respostas sublinharam, a importância crítica de promover informações verídicas e desenvolver a literacia mediática na sociedade contemporânea. A disseminação de notícias falsas representa um risco significativo para a percepção da realidade e a tomada de decisões fundamentadas. A relação entre a proliferação de fontes de notícias e a percepção da fiabilidade demonstra que a diversidade de fontes não é garantida de informação precisa. Adicionalmente, os líderes populistas empregam estratégias de amplificação de mensagens através dos meios de comunicação, tendo um impacto notório na opinião pública.

**Palavras-chave:** opinião pública; guerra na Ucrânia; media; fake news; populismo; fontes de informação; credibilidade; novos media

## **Abstract**

In today's world, we live in an era characterized by the constant proliferation of information, yet the quality of this information is not always guaranteed. The primary aim of this dissertation is to underscore the importance of disseminating accurate information and promoting media literacy. It places a particular focus on the russo-ukranian war, highly sensitive context in which the spread of fake news has had significant impacts.

This work seeks to address a set of crucial questions, such as how society assesses the reliability and validity of information sources, especially in an information-saturated environment; what the relationship is between the proliferation of new sources and the perception of information reliability; and how populist leaders utilize the media to amplify their message, influencing the public opinion.

The research was conducted through an online questionnaire, and the responses highlighted the critical importance of promoting accurate information and developing media literacy in contemporary society. The dissemination of fake news represents a significant risk to the perception of reality and informed decision-making. The relationship between the proliferation of news sources and the perception of reliability demonstrates that source diversity is not a guarantee of accurate information. Furthermore, populist leaders employ message amplification strategies through the media, significantly impacting public opinion.

**Keywords:** public opinion; Ukrainian War; media; fake news; populism; information sources; credibility; new media

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	9
I. DESINFORMAÇÃO EM CONTEXTO DE GUERRA HÍBRIDA .....	11
1. O CONTEXTO HISTÓRICO DA UCRANIA E RÚSSIA .....	11
1.1 O COMEÇO DE UMA GUERRA.....	XII
1.2 GUERRA HÍBRIDA .....	XIV
2. COBERTURA MEDIÁTICA DA GUERRA HÍBRIDA RUSSO-UCRANIANA .....	XVI
2.1. A CARÊNCIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO NA COBERTURA MEDIÁTICA .....	XVI
2.2 NARRATIVAS CONFLITUANTES E DESAFIOS .....	17
2.3. DESAFIOS E RESPONSABILIDADES .....	XVIII
3. POPULISMO E FONTES DE INFORMAÇÃO.....	19
3.1 NACIONALISMO E RESTAURAÇÃO DA RÚSSIA .....	XX
3.2. A RETÓRICA ANTI-OCIDENTAL .....	21
3.3 EXTREMISMO NACIONALISTA E XENOFOBIA .....	XXII
3.4. DESAFIOS PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL .....	23
3.5. ESTRATÉGIAS DE DESINFORMAÇÃO .....	XXIV
3.6. IMPLICAÇÕES PARA A GUERRA HÍBRIDA .....	25
4. DESINFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL.....	XXVI
4.1. CAUSAS DA DESINFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL .....	27
4.2 IMPACTOS DA DESINFORMAÇÃO NA SOCIEDADE .....	XXVIII
4.3. IMPLICAÇÕES PARA A DEMOCRACIA.....	29
4.4 DESAFIOS NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO .....	XXX
4.5. ESTRATÉGIAS DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO .....	31
4.6. O PAPEL DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE .....	33
5. O CASO DO POLÍGRAFO .....	XXXIV
5.1. FAKE NEWS SOBRE A GUERRA RUSSO-UCRANIANA NO POLÍGRAFO SIC .....	35
5.2. IMPORTÂNCIA A LITERACIA MEDIÁTICA.....	XXXVIII
II. ESTUDO DE CASO: A GUERRA NA UCRÂNIA E A CONFIANÇA NAS FONTES.....	39
1. METODOLOGIA.....	39
1.1. RECOLHA DE DADOS .....	XL
2. VARIÁVEIS CONSIDERADAS .....	XL
3. ANÁLISE DE DADOS .....	41

3.1. ANÁLISE DESCRITIVA .....	41
3.2. ANÁLISE DE CORRELAÇÃO .....	45
3.4. ANÁLISE QUI-QUADRADO.....	XLVI
3.5. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	XLVI
4. CONCLUSÕES .....	XLVIII
5. LIMITAÇÕES DA PESQUISA .....	L
5.1. TAMANHO DA AMOSTRA.....	L
5.2. VIÉS DA AUTOAPRESENTAÇÃO .....	51
5.3. VIÉS DA AMOSTRA.....	51
5.4. MEDIÇÃO DE CONFIANÇA NA PRECISÃO DE NOTÍCIAS .....	51
5.5. LIMITAÇÕES TEMPORAIS.....	LII
BIBLIOGRAFIA.....	53

## Lista de figuras

FIGURA 1 - À ESQUERDA IMAGEM MANIPULADA DE ZELENSKY APRESENTADA NO POLÍGRAFO SIC, À DIREITA IMAGEM OFICIAL DO INSTAGRAM DO PRESIDENTE (POLÍGRAFO SIC).....	34
FIGURA 2 - IMAGEM DE MARIANNA PODGURSKAYA NO ATENTADO À MATERNIDADE DE MARIUPOL (POLÍGRAFO SIC)	34
FIGURA 3 - IMAGEM DO RECONHECIMENTO FACIAL DA INFLUENCER (POLÍGRAFO SIC).....	35
FIGURA 4 - PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, KIEV, ANTES E DEPOIS (POLÍGRAFO SIC) .....	35
FIGURA 5 - ALEGADA IMAGEM DE MENINA UCRANIANA ENFRENTANDO UM SOLDADO RUSSO (POLÍGRAFO SIC) .....	36
FIGURA 6 - GRÁFICO CONTAGEM DE GÉNERO .....	40
FIGURA 7 - HISTOGRAMA DE IDADE.....	40
FIGURA 8 - RESPOSTAS SOBRE OS “SABOTADOS EM POLACOS” .....	41
FIGURA 9 - RESPOSTAS SOBRE O “GENOCÍDIO EM DONBAS” .....	41
FIGURA 10 - RESPOSTAS SOBRE O “NAZISMO NA SOCIEDADE UCRANIANA” .....	41
FIGURA 11 - CONTAGEM DA FREQUÊNCIA COM QUE VERIFICAM AS FONTES .....	42
FIGURA 12 - GRÁFICO DAS PRINCIPAIS FONTES DE INFORMAÇÃO.....	42
FIGURA 13 - GRÁFICO DA CONFIANÇA SOBRE AS NOTÍCIAS.....	43
FIGURA 14 - CONTAGEM DE CASOS ONDE SE DEPARARAM COM NOTÍCIAS FALSAS.....	43

## INTRODUÇÃO

A guerra entre a Rússia e a Ucrânia, juntamente com a disseminação de desinformação associada a esse conflito, têm gerado uma crescente importância nas relações internacionais e na sociedade contemporânea. Este conflito ultrapassa as fronteiras tradicionais, penetrando no campo da informação e da percepção pública. Através da disseminação de narrativas conflitantes e da manipulação da opinião pública, a guerra híbrida, um conceito que se refere à combinação de meios convencionais e não convencionais para atingir um objetivo estratégico (Fernandes, 2021), destaca o potencial da desinformação para influenciar eventos políticos e sociais em escala global.

No entanto, a opinião pública sobre este conflito complexo varia significativamente entre diferentes países e regiões. A Ucrânia tem recebido apoio amplo da sua população em relação aos esforços do governo para se defender dos separatistas apoiados pela Rússia. Contudo, a opinião pública na Ucrânia também critica o custo humano e económico da guerra. Já na Rússia, a população em geral apoia o seu governo e acredita que o território atacado pertence à sua nação.

Nos países ocidentais, a opinião pública é mais diversificada e influenciada por diversos fatores, incluindo as perspectivas apresentadas pelos meios de comunicação nacionais e internacionais, manifestações de opinião nas redes sociais e pressões de grupos de interesse. A proliferação de notícias falsas contribui para a divisão ideológica entre aqueles que apoiam a Ucrânia e os seus aliados ocidentais e aqueles que criticam mais a Ucrânia e os seus aliados.

Os meios de comunicação desempenham um papel crucial na formação da opinião pública e na compreensão dos eventos contemporâneos, incluindo a guerra na Ucrânia. No entanto, a divulgação de informações falsas ou enganosas, conhecidas como fake news, tem levantado dúvidas sobre a credibilidade de alguns meios de comunicação, tanto tradicionais como os novos media.

Esta dissertação visa explorar como os meios de comunicação expuseram a guerra ucraniana e o impacto que a disseminação de notícias falsas teve na compreensão do público sobre o conflito. Além disso, o estudo examinará as estratégias utilizadas para combater a epidemia de fake news e avaliará a eficácia dessas medidas.

O objetivo primordial deste estudo é proporcionar uma compreensão mais aprofundada dos desafios enfrentados pelos meios de comunicação ao relatar a guerra russo-ucraniana e das

ferramentas utilizadas para preservar a credibilidade da sua cobertura diante dos seus consumidores. É importante notar que a opinião pública pode evoluir ao longo do tempo e ser influenciada por diversos fatores, incluindo a cobertura dos media, as ações dos líderes políticos e os desenvolvimentos contínuos do conflito.

Para atingir os objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa que incluiu a análise de conteúdo de notícias e artigos relacionados à guerra russo-ucraniana numa variedade de fontes de notícias, bem como uma análise quantitativa das respostas de um questionário online preenchido por 50 participantes. O questionário abordou questões relacionadas às percepções sobre o conflito, o uso de fontes de informação e a exposição a notícias falsas.

## I. DESINFORMAÇÃO EM CONTEXTO DE GUERRA HÍBRIDA

### 1. O CONTEXTO HISTÓRICO DA UCRÂNIA E RÚSSIA

“A Ucrânia tem uma história extremamente dramática, sangrenta e uma grande vontade da parte dos ucranianos de quererem viver num território independente porque existe um povo ucraniano e isto só não é evidente para expansionistas como o presidente da Rússia.” (Milhazes e Dolin, 2023).

A Guerra na Ucrânia, também conhecida como Guerra Russo-Ucraniana, que iniciou em 2014 após a deposição do presidente ucraniano Viktor Yanukovich, é um conflito que remonta a uma relação histórica profunda entre a Ucrânia e a Rússia, cujas raízes datam desde o século IX. A compreensão do contexto histórico, como detalhadamente explorado por Dolin e Milhazes (2023) em “A Mais Breve História da Ucrânia”, é imprescindível para analisar as nuances do presente conflito e antever as suas futuras implicações, dada a intrincada trama histórica que molda a realidade ucraniana.

Nos alvares da Primeira Guerra Mundial, o Império Russo expandiu o seu domínio para a Galícia Oriental, que atualmente corresponde a parte do território ucraniano. Com a intenção de assimilar essa região, o governo czarista iniciou uma política de russificação, proibindo o uso da língua ucraniana, suprimindo a Igreja Greco-Católica e fechando instituições culturais e educacionais ucranianas. Essa política de repressão cultural foi um precursor da tensão étnica e cultural que moldaria a relação entre a Ucrânia e a Rússia nas décadas seguintes.

A Revolução de Fevereiro de 1917 na Rússia trouxe agitação política, e os protestos espalharam-se por Petrogrado e outras cidades. Embora o Czar Nicolau II tenha inicialmente ordenado o uso da força para reprimir as manifestações, a recusa das forças militares e policiais em atirar contra as multidões desarmadas precipitou a abdicação do czar e o fim do domínio autocrático dos Romanov.

Durante a Revolução Russa e aproveitando a instabilidade gerada pela Primeira Guerra Mundial, a Ucrânia declarou a sua independência em 1917, formando a República Popular Ucraniana. No entanto, essa independência enfrentou desafios significativos devido à guerra civil na Rússia e à intervenção de potências estrangeiras em território russo.

Em 1922, a Ucrânia tornou-se uma das repúblicas da União Soviética, consolidando assim o seu *status* como parte da esfera de influência soviética. Durante a era stalinista, a Ucrânia sofreu uma tragédia humanitária com a política de colectivização agrícola, resultando na Grande

Fome Ucrainiana (Holodomor) na década de 1930, que levou à morte de milhares de ucranianos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Ucrânia foi palco de conflitos violentos entre as forças alemãs e soviéticas, resultando em grande destruição e perdas humanas. Após o colapso da União Soviética em 1991, a Ucrânia declarou a sua independência e tornou-se uma nação soberana. Contudo, as relações com a Rússia Permanecem complexas, com disputas territoriais, políticas e culturais (Mielniczuk, 2006).

Estes eventos históricos moldaram a relação entre a Ucrânia e a Rússia ao longo dos séculos, contribuindo para a compreensão das tensões e desafios que persistem até os dias de hoje.

### **1.1 O COMEÇO DE UMA GUERRA**

Nos derradeiros dias de fevereiro de 2021, Vladimir Putin, Presidente da Federação Russa, efetuou o reconhecimento das autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk, situadas no leste da Ucrânia, e enviou uma missão que denominou como “manutenção da paz”. No dia subsequente, o parlamento russo aprovou a autorização para o uso da força militar em território estrangeiro. Este evento desencadeou uma série de acontecimentos que resultaram num conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia, sendo imprescindível contextualizar esta situação no contexto histórico das relações entre ambos os países.

O contexto histórico das relações entre a Ucrânia e a Rússia é complexo e remonta a séculos de interações, incluindo períodos de dominação russa sobre a Ucrânia, como durante o domínio czarista e a União Soviética. A independência da Ucrânia foi declarada em 1991, com o colapso da União Soviética, mas as tensões persistiram devido a questões territoriais, étnicas e culturais. Em 2014, a anexação da Crimeia pela Rússia e o apoio a grupos separatistas no leste da Ucrânia, que resultaram na criação das autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk, agravaram significativamente as relações bilaterais.

Em fevereiro de 2021, a Rússia intensificou o conflito ao autorizar uma operação militar especial com o objetivo declarado de “denazificar” a Ucrânia, um termo controverso que sugeria uma retórica ideológica. A Ucrânia respondeu imediatamente declarando estado de emergência e cortando laços diplomáticos com Moscovo. O conflito rapidamente escalou, com confrontos armados ocorrendo em diversas regiões do país (Tribuna, 2022).

A intervenção da comunidade internacional também foi notável. Os Estados Unidos da América ofereceram-se para retirar o presidente ucraniano do país, mas este recusou, e a Organização

do Tratado do Atlântico Norte (NATO) envolveu-se no conflito, o que gerou tensões adicionais entre a Rússia e as nações ocidentais. Vladimir Putin, por sua vez, fez referência ao arsenal nuclear russo como uma advertência às ações ocidentais.

Neste cenário de conflito, várias nações europeias ofereceram assistência financeira e fornecimento de armamento à Ucrânia, contribuindo para a complexidade do conflito em curso. Até a data presente, a guerra na Ucrânia já resultou num número alarmante de vítimas, com mais de trezentas mil pessoas mortas e mais de cem milhões de deslocados, tornando-se um dos conflitos mais devastadores do século XXI.

Paralelamente ao conflito armado, desenrolou-se uma guerra mediática e cibernética. Observadores externos e comentaristas participaram ativamente na cobertura dos eventos em tempo real, muitas vezes sem verificar a veracidade das informações, o que contribuiu para a disseminação de desinformação. A Ucrânia adotou uma estratégia diferente, utilizando as redes sociais para incentivar a resistência interna e obter apoio internacional. Em contrapartida, a Rússia restringiu o acesso às redes sociais e controlou a cobertura mediática do conflito, o que levou a preocupações sobre a liberdade de imprensa.

É importante notar que, apesar do desejo de informar o público sobre os eventos de guerra, os meios de comunicação também se tornaram um fator de risco em operações de resgate de civis conduzidas pela ONU na Ucrânia. O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, admitiu em abril de 2022 que, para garantir o resgate de pessoas, foi necessário evitar a busca por visibilidade mediática.

O destaque da notícia, publicada a 28 de abril de 2022 na revista *Visão*, é a afirmação de António Guterres de que ele recusa “trabalhar para brilhar na imprensa com afirmações nocivas para a ação da ONU”, indicando uma clara preocupação por parte do secretário-geral em não buscar publicidade pessoal em detrimento do trabalho eficaz da organização que lidera, refletindo o compromisso da ONU com a neutralidade e a eficácia na sua atuação em situações de crise global.

Neste contexto complexo em constante evolução, a situação na Ucrânia continua a suscitar preocupações e a exigir uma abordagem multifacetada para a resolução do conflito e a promoção da paz na região. Fontes e documentos relevantes para uma análise aprofundada deste conflito podem ser encontrados em publicações académicas, relatórios das Nações Unidas e fontes de notícias internacionais de renome.

## 1.2 GUERRA HÍBRIDA

A guerra híbrida, como abordada por Fernandes H. M. M. (2016), representa uma evolução complexa e multifacetada do conflito moderno, que transcende os paradigmas tradicionais da guerra. Teija Tiilikainen, diretora do Centro Europeu de Excelência para Combate a Ameaças Híbridas, refere que “trata-se da manipulação do espaço da informação; trata-se de ataques à infraestrutura crítica”. Este conceito, envolve a combinação de elementos de guerra convencional com táticas não convencionais, abrangendo esferas como a diplomacia, a economia, a ciberguerra, a propaganda e a influência. Esse tipo de abordagem sinérgica tem sido notavelmente empregado pela Federação Russa nos seus conflitos com as nações vizinhas, com a Ucrânia figurando como um dos principais cenários dessa estratégia. Gardner (2023) destaca a complexidade da guerra híbrida, apontando para a multiplicidade de frentes e técnicas que transcendem a guerra convencional.

No contexto da guerra híbrida russa, uma das facetas mais proeminentes é o uso dos meios de comunicação como uma ferramenta central da sua estratégia. Este fenómeno é amplamente documentado na literatura académica e analítica. O Kremlin<sup>1</sup> emprega métodos não convencionais de maneira sistemática, disseminando desinformação, notícias falsas e propaganda enganosa por meio de canais de comunicação tradicionais e plataformas digitais. O objetivo subjacente a essas táticas é influenciar a opinião pública em países estrangeiros, desestabilizar governos e minar a coerção social.

A estratégia russa de híbrida não se limita apenas a influenciar atores externos, mas também inclui medidas destinadas a consolidar o controlo interno. Uma tática notável é a restrição do acesso a redes sociais e meios de comunicação tradicionais dentro do país. Isso é realizado com a intenção de supervisionar e manipular a narrativa pública, além de evitar a disseminação de informações que possam ser prejudiciais ao governo central. Essas práticas exemplificam a complexidade e a adaptabilidade da estratégia russa, que tem a capacidade de ser aplicada tanto em contextos domésticos quanto internacionais.

A guerra híbrida russa é vista como uma ameaça em crescimento à segurança internacional e à democracia global. Isso se deve à sua capacidade de influenciar a opinião pública, minar a estabilidade de governos estrangeiros e criar um ambiente de incerteza. A situação atual entre a Rússia e a Ucrânia em 2014 e o conflito contínuo no leste da Ucrânia foram marcados por

---

<sup>1</sup> Refere-se historicamente ao complexo fortificado localizado no centro de Moscovo, Rússia, que abriga várias instituições governamentais, incluindo a residência oficial do presidente russo. O Kremlin é, portanto, um símbolo irónico do poder político na Rússia, tendo servido como centro administrativo e político ao longo de muitos séculos de história do país.

intensas campanhas de propaganda e desinformação, que tiveram um impacto significativo na percepção pública e nas dinâmicas de conflito na região.

A situação atual entre a Rússia e a Ucrânia é um exemplo eloquente da persistência e da adaptabilidade da estratégia de guerra híbrida russa. A anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 marcou um ponto de viragem na geopolítica regional, desencadeando uma série de eventos que continuam a moldar o cenário internacional. Esta anexação foi acompanhada por uma campanha intensiva de propaganda e desinformação, tanto dentro quanto fora das fronteiras russas, com o objetivo de justificar a ação e influenciar a percepção pública.

Além disso, o conflito em curso no leste da Ucrânia, envolvendo grupos separatistas pró-russos, é um exemplo de como a Rússia utiliza táticas híbridas para minar a soberania e a estabilidade do seu vizinho. Nesse conflito, a propaganda e a desinformação continuam a ser ferramentas-chave, alimentando as divisões e exacerbando as tensões no território disputado.

Vale ressaltar que a guerra híbrida não é um fenómeno estático; ela continua a evoluir à medida que as novas tecnologias e plataformas de comunicação emergem. O ciberespaço tornou-se uma arena crítica para essa forma de conflito, com ataques cibernéticos e operações de influência digital desempenhando um papel cada vez mais importante nas estratégias híbridas. Isso amplia ainda mais a capacidade da Rússia de moldar a narrativa e influenciar as opiniões, tanto a nível doméstico como internacional.

“Talvez a principal característica das ameaças híbridas seja que elas quase nunca envolvem um ataque real, ou seja, alguém abrindo fogo com uma arma. Elas são mais subtis, mas não menos perigosas.” (Gardner, F., 2023)

O Coronel António José Fernandes de Oliveira refere que, de acordo com as definições acordadas pela OTAN, que a estratégia híbrida é uma “estratégia integrada para atingir objetivos políticos e estratégicos, baseada numa abrangente, complexa, adaptativa e frequentemente bem integrada combinação meios convencionais e não convencionais, atividades abertas e encobertas, atores militares, paramilitares, irregulares e ou civis, conduzida em todo o espectro dos instrumentos de poder (diplomático/político, informacional, militar, económico, financeiro, informações e legal – DIMEFIL), com a intenção de criar ambiguidade e atingir as vulnerabilidades e fraquezas de um adversário. A estratégia híbrida tem um foco particular no processo de decisão”

A situação atual entre a Rússia e a Ucrânia é um exemplo marcante da aplicação da guerra híbrida russa, destacando a importância de entender essa estratégia complexa e adaptável. Ela representa uma ameaça contínua à segurança internacional e à estabilidade regional, exigindo

respostas coordenadas e abordagens multifacetadas por parte da comunidade internacional para mitigar os seus impactos e proteger a democracia e a segurança global. O estudo contínuo desse fenómeno é essencial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e resposta a ameaças híbridas no mundo contemporâneo.

## **2. COBERTURA MEDIÁTICA DA GUERRA HÍBRIDA RUSSO-UCRANIANA**

### **2.1. A CARÊNCIA DE CONTEXTUALIZAÇÃO NA COBERTURA MEDIÁTICA**

A insuficiência de contextualização na abordagem mediática da guerra híbrida emerge como uma questão premente e digna de um escrutínio mais acurado, especialmente no contexto da contemporaneidade, em que se desenrola o complexo conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Este conflito transcende as típicas operações militares convencionais, abarcando um espectro multifacetado de elementos, tais como ciberataques, guerra de informações, influência política e ações encobertas. A compreensão adequada desses elementos requer uma análise meticulosa e uma contextualização aprofundada, todavia, muitos órgãos de comunicação deparam-se com dificuldades na provisão desses elementos contextuais, geralmente devido às restrições impostas pelo espaço e tempo disponíveis nos *media*.

A ausência de contexto não somente obstrui a compreensão do público em relação às intrincadas dinâmicas subjacentes à guerra híbrida, como também pode culminar em simplificações excessivas e na apresentação de narrativas unilaterais. Nesse âmbito, as palavras de Johnson (2020) ecoam com pertinência, uma vez que enfatizam que “a falta de contexto pode propiciar uma visão distorcida do conflito, conduzindo o público a formar juízos superficiais e tendenciosos.”

É fundamental reconhecer que a escassez de contextualização assume uma importância exacerbada no contexto da guerra híbrida, que abarca uma gama abrangente de táticas e estratégias que frequentam operar em segundo plano e fora do escopo de percepção imediata do público. Compreender a intrincada interação entre os diferentes componentes desta guerra é essencial para uma apreciação mais completa das suas implicações.

Assim, a análise aprofundada desta problemática sugere a necessidade imperiosa de uma cobertura mediática que não só reconheça a complexidade inerente à guerra híbrida, mas também procure fornecer as bases necessárias para que o público possa apreender as nuances e dinâmicas subjacentes a este conflito, evitando, assim, a perpetuação de estereótipos simplistas que tendem a obscurecer a realidade complexa da situação.

## 2.2 NARRATIVAS CONFLITUANTES E DESAFIOS

A guerra híbrida travada entre a Rússia e a Ucrânia desenrola-se num ambiente de narrativas profundamente divergentes, em que cada parte envolvida promove ativamente a sua própria versão dos eventos. Esta realidade cria um desafio intrincado e intrinsecamente complexo para os meios de comunicação que procuram manter um nível adequado de equilíbrio e imparcialidade. É válido ressaltar que os jornalistas, frequentemente, deparam-se com uma série de pressões políticas, diplomáticas e até mesmo ameaças à sua segurança pessoal que podem influenciar de maneira significativa o modo como eles abordam e relatam os acontecimentos.

A polarização política e as fissuras sociais presentes em muitos países amplificam ainda mais as dificuldades enfrentadas pelos *media* na cobertura da guerra híbrida. Em alguns casos, os meios de comunicação têm cedido a uma abordagem tendenciosa e partidária, abandonando a busca pela objetividade em favor da promoção de perspectivas ideológicas. O resultado desse processo é a propagação de opiniões preconcebidas que obscurecem a análise equilibrada dos fatos, prejudicando a capacidade do público de formar uma compreensão abrangente da complexa situação em questão.

É essencial reconhecer que a guerra híbrida entre a Rússia e a Ucrânia apresenta uma teia intrincada de narrativas que repetem os interesses e perspectivas divergentes das partes envolvidas. Compreender plenamente essas narrativas conflitantes e as pressões que os jornalistas enfrentam é fundamental para avaliar a objetividade e a equidade na cobertura mediática desta guerra.

É válido ressaltar que os jornalistas, frequentemente, deparam-se com uma série de pressões políticas, diplomáticas e até mesmo ameaças à sua segurança pessoal que podem influenciar de maneira significativa o modo como eles abordam e relatam os acontecimentos. A análise de Galito (2017) sobre a natureza e o impacto do populismo é particularmente pertinente, pois o populismo pode influenciar as narrativas mediática, contribuindo para a polarização política e as fissuras sociais. Estes elementos amplificam as dificuldades enfrentadas pelos *media* na cobertura da guerra híbrida.

### **2.3. DESAFIOS E RESPONSABILIDADES**

A disseminação de desinformação constitui um dos aspetos mais perigosos e preocupantes da guerra híbrida, e inadvertidamente, os meios de comunicação podem ser catalisadores deste fenómeno. O incessante imperativo de reportar notícias em tempo real e a constante pressão para serem os primeiros a divulgar eventos podem conduzir à disseminação de informações não verificadas ou mesmo falsas. Consequentemente, a desinformação mina a confiança pública nos meios de comunicação, corroendo a credibilidade e permitindo que atores mal intencionados explorem as vulnerabilidade da sociedade. O incessante imperativo de reportar notícias em tempo real pode conduzir à disseminação de informações não verificadas, um fenómeno amplamente discutido por Ferreira G.B. (2020) no contexto do populismo e desinformação em tempos de crise, refletindo como as pressões mediáticas podem contribuir para a erosão da confiança pública.

Adicionalmente, a guerra de informações surge como uma tática central na estratégia da guerra híbrida, com atores estatais e não estatais instrumentalizando os meios de comunicação para influenciar a opinião pública e moldar narrativas. Tal realidade atribui uma responsabilidade acrescida aos meios de comunicação na sua função de guardiões da informações que divulgam emerge como um pilar crítico na preservação da integridade da informação.

A situação atual na Rússia e Ucrânia exemplifica de forma flagrante a relevância destes desafios. As partes envolvidas no conflito frequentemente utilizam estratégias de desinformação e guerra de informações para promover agendas políticas e influenciar a perceção internacional do conflito. Nesse contexto, os meios de comunicação desempenham um papel crucial na determinação da veracidade das informações e na sua subsequente disseminação.

Deste modo, é fundamental reconhecer que a guerra híbrida transcende as fronteiras tradicionais dos conflitos, estendendo-se aos domínios da informação e da narrativa. Os meios de comunicação, como principais atores na disseminação de informações, têm o dever moral e ético de salvaguardar a integridade da informação e combater a desinformação, contribuindo, assim, para uma compreensão mais precisa dos complexos eventos que caracterizam a guerra híbrida contemporânea.

No entanto, é importante destacar que as plataformas de redes sociais, conforme Itagiba (2017), também têm sido objeto de críticas significativas devido ao papel que desempenharam na disseminação de informações falsas relacionadas à guerra na Ucrânia. Plataformas como o

Facebook, Twitter e YouTube têm sido utilizadas como canais para a propagação de notícias falsas e propaganda, com o potencial de moldar a opinião pública e influenciar o desfecho do conflito.

Para enfrentar este problema, algumas dessas plataformas implementaram medidas destinadas a combater a disseminação de informações falsas, bem como a verificação de fatos. Em algumas instâncias, essas plataformas estabeleceram parcerias com empresas terceirizadas especializadas em verificação de fatos, visando determinar a veracidade das informações e rotular aquelas que se revelassem falsas ou enganosas (Brown, 2020). Além disso, ajustes nos algoritmos foram realizados com o propósito de reduzir a visibilidade de conteúdo falso nas páginas iniciais dos usuários.

As diretrizes da comunidade e os termos de serviço também passaram por revisões e modificações em resposta à dinâmica do conflito em andamento. Essas medidas refletem o reconhecimento de que as redes sociais desempenham um papel significativo na formação da opinião pública e, portanto, têm a responsabilidade de mitigar a propagação da desinformação num ambiente de guerra híbrida.

Contudo, vale a pena salientar que estas medidas nem sempre são bem sucedidas e que a indústria dos *media* ainda enfrentará muitos desafios para conseguir fornecer uma cobertura concreta e imparcial da guerra russo-ucraniana.

### **3. POPULISMO E FONTES DE INFORMAÇÃO**

O populista, conforme analisado por Galito (2017) na sua obra sobre a conceptualização do fenómeno do populismo, pode ter capacidade mobilizadora, atributos carismáticos e até gerar o culto à sua personalidade. Se for autoritário e aberto à experiência arrisca-se a ter um discurso agressivo, arrogante ou teimoso. Mas também pode ser orador amável, extremamente simpático, janota e bem-falante. Depende da postura que melhor funciona no contexto em análise. A relação entre populismo e fontes de informação é de extrema relevância, uma vez que os movimentos populistas muitas vezes dependem da manipulação de informações para angariar e sustentar apoio. Líderes populistas empregam uma gama diversificada de canais de comunicação, incluindo os tradicionais, como televisão e jornais impressos, bem como as redes sociais e outras plataformas online, para disseminar a sua mensagem e controlar a narrativa.

Esses líderes também podem fazer uso de estratégias de desinformação e disseminação de “notícias falsas” para enganar o público e minar a credibilidade dos seus oponentes. Essa tática pode resultar na diminuição da confiança nas fontes tradicionais de informação, abrindo espaço para a ascensão de fontes alternativas alinhadas com a agenda populista. Ferreira G.B. (2020), evidencia, no seu estudo sobre a interação entre populismo e desinformação em tempos de crise, que os movimentos populistas frequentemente dependem da manipulação de informações para angariar e sustentar apoio do povo.

Adicionalmente, líderes populistas podem procurar controlar ou até mesmo silenciar os meios de comunicação independentes e suprimir vozes dissidentes. Eles podem empregar a disseminação de informações rotuladas como “notícias falsas” ou “elitistas” como uma estratégia para deslegitimar as instituições tradicionais dos *media* e consolidar o seu controlo sobre a narrativa.

Essa dinâmica entre populismo e fontes de informação é especialmente relevante no contexto atual da Rússia e Ucrânia. Ambos os países têm experimentado intensas disputas políticas e manipulação da informação, com líderes populistas utilizando táticas variadas para consolidar o seu poder e influência sobre a narrativa pública. A manipulação da informação desempenha um papel significativo na formação da opinião pública e nas dinâmicas políticas desses países, destacando a necessidade de um exame aprofundado das interações entre populismo e fontes de informação na região.

### **3.1 NACIONALISMO E RESTAURAÇÃO DA RÚSSIA**

A retórica populista empregada pelo presidente russo, Vladimir Putin, e do seu partido, Rússia Unida, concede um papel central ao nacionalismo e à aspiração de restaurar a Rússia como uma potência global de grande relevância. Tal discurso é estrategicamente utilizado para angariar apoio dentro do país e fomentar um sentimento de coesão nacional. Em meio à complexa dinâmica da guerra híbrida entre a Rússia e a Ucrânia, esta afirmação da grandeza russa é passível de ser instrumentalizada para justificar ações tanto militares quanto políticas mais energéticas.

“Para o nacionalismo russo a Ucrânia não existe e a definição das fronteiras internacionais após a desagregação da União Soviética é agora vista abertamente

como um ato de arbitrariedade, traição e injustiça histórica contra a nação russa num momento de extrema debilidade.”

(M. Ferreira, 2016)

Neste contexto, a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014 oferece um exemplo emblemático de como a narrativa da grandeza russa pode ser empregada para justificar ações assertivas. A justificativa apresentada pelo Kremlin para a anexação baseou-se na alegação de proteger os direitos da população russa étnica na Crimeia e preservar os interesses russos na região. A narrativa nacionalista, centrada na defesa dos russos étnicos, foi utilizada para sustentar a intervenção militar na Ucrânia e desafiar a soberania ucraniana sobre a Crimeia.

Esta estratégia comunicativa reflete a maneira como o populismo, em conjunto com a ênfase no nacionalismo e na grandeza russa, é integrado na política russa contemporânea. Através dela, o governo de Putin procura obter o apoio à população russa, ao mesmo tempo em que reforça a ideia de que a Rússia está a recuperar a sua posição como potência global de importância significativa. Como tal, essa retórica não apenas influencia o cenário político interno, mas também tem implicações significativas nas relações internacionais, especialmente na dinâmica da guerra híbrida entre a Rússia e a Ucrânia.

### **3.2. A RETÓRICA ANTI-OCIDENTAL**

A retórica anti-ocidental desempenha um papel de destaque no populismo russo, sobretudo no contexto da guerra híbrida entre a Rússia e a Ucrânia, como destacado por Fernandes H.M.M. (2016), que discute como as narrativas são empregadas para justificar ações políticas e militares. O presidente russo, Vladimir Putin, frequentemente utiliza essa retórica para retratar a Rússia como uma nação vitalizada pelas potências ocidentais, argumentando que essas nações têm intenções de enfraquecer e conter a Rússia. Tal narrativa é habilmente empregada como uma estratégia de consolidação de apoio interno, reforçando sentimentos nacionalistas e inculcando a ideia de resistência contra influências externas percebidas como ameaçadoras.

Dentro do contexto da guerra híbrida, essa retórica anti-ocidental tem implicações profundas. Primeiramente, ela serve para justificar ações e políticas assertivas anotadas pela Rússia na região, como o apoio a grupos separatistas na Ucrânia Oriental. A caracterização da Rússia como vitimada uma conspiração ocidental procura legitimar a intervenção russa no território ucraniano, alimentando um discurso de autodefesa e proteção de interesses russos.

Adicionalmente, essa retórica reforça uma narrativa mais ampla de confronto geopolítico entre a Rússia e o Ocidente. A visão da Rússia como uma nação cercada e ameaçada por influências externas pode consolidar o apoio público a políticas agressivas e a posturas de confronto, tanto no cenário regional quanto global.

A utilização da retórica anti-ocidental por Putin não apenas influencia o cenário político e as relações internacionais, mas também cria desafios para a cobertura jornalística e a comunicação estratégica. Os *media* desempenham um papel importante na disseminação e interpretação dessas mensagens, e o governo russo tem adotado uma série de estratégias para controlar a narrativa e moldar a percepção pública tanto no país quanto no exterior.

Esta dinâmica retórica é um elemento crítico a ser compreendido na análise da guerra híbrida entre a Rússia e a Ucrânia, uma vez que influencia diretamente a política, a diplomacia e a opinião pública numa região marcada por complexas tensões e disputas territoriais.

### **3.3 EXTREMISMO NACIONALISTA E XENOFOBIA**

O populismo na Rússia, no contexto da guerra híbrida com a Ucrânia, apresenta uma interligação notável com o crescimento de movimentos extremistas de direita e nacionalistas. Estes grupos, frequentemente, advogam por perspectivas anti-imigrantes e anti-ocidentais, desencadeando repercussões substanciais na sociedade russa e na paisagem política, dando origem a um ambiente caracterizado por polarização e tensões exacerbadas.

O aumento desses movimentos nacionalistas e extremistas na Rússia reflete-se numa narrativa política centrada na preservação da identidade russa e na oposição vigorosa a influências estrangeiras percebidas como ameaças à integridade cultural e política do país. Essa narrativa é frequentemente acompanhada por atitudes hostis em relação a imigrantes e a países ocidentais, com um ênfase marcante na rejeição de valores e influências externas (Mielniczuk, 2006).

No âmbito da guerra híbrida com a Ucrânia, esses desenvolvimentos têm implicações significativas. Em primeiro lugar, o crescimento do extremismo nacionalista pode dificultar a busca por soluções pacíficas para o conflito, uma vez que tais grupos muitas vezes advogam por abordagens rígidas e intransigentes nas negociações internacionais. A sua presença no cenário político pode, assim, tornar mais desafiadora a diplomacia e a resolução pacífica de disputas.

Por outro lado, esses movimentos extremistas podem agravar as tensões internas na sociedade russa, provocando conflitos e hostilidades em relação a minorias étnicas, grupos imigrantes e outros segmentos da população (Petrov, 2019). A xenofobia e o sentimento anti-imigrantes podem criar divisões e frotas sociais, prejudicando a coesão interna do país.

A influência desses grupos extremistas também se estende ao âmbito da comunicação e dos *media*, onde podem disseminar mensagens polarizadoras e propaganda que alimentam ainda mais a divisão na sociedade e reforçam as narrativas nacionalistas e anti-ocidentais. Isso cria desafios adicionais para os *media* e a comunicação social, à medida que procuram equilibrar a cobertura informativa e manter padrões jornalísticos de objetividade.

### **3.4. DESAFIOS PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL**

O governo liderado por Vladimir Putin não exerce apenas controlo sobre uma parte substancial dos meios de comunicação do país, mas também utiliza estratégias populistas para consolidar o seu poder e manter o apoio da população. Este populismo é muitas vezes traduzido na narrativa que a Rússia está cercada por inimigos estrangeiros e que o governo é o único guardião da soberania e identidade russas. Os *media*, sujeitos ao controlo estatal, desempenham um papel fundamental na disseminação dessa mesma narrativa.

A narrativa dominante na Rússia geralmente converge com a visão do Kremlin. Esta convergência é resultado direto do controlo estatal sobre importantes veículos de comunicação, como canais de televisão e agências de notícias. Meios que frequentemente adotam uma abordagem alinhada com as políticas estatais, apresentando uma imagem positiva das ações do governo e reforçando a ideia que a Rússia é uma vítima de agressões externas. Como resultado, os cidadãos têm acesso limitado a informações independentes e a uma variedade de perspectivas que permitiriam uma compreensão mais completa dos eventos, incluindo a guerra híbrida em curso com a Ucrânia.

A restrição da diversidade de vozes nos *media* russos tem implicações significativas na qualidade do debate público. Num ambiente mediático onde a pluralidade de opiniões é suprimida, as perspectivas divergentes e críticas não tem espaço para serem discutidas. Isso pode resultar numa sociedade que é cada vez mais polarizada e incapaz de realizar debates construtivos. Uma sociedade democrática saudável requer a livre expressão de opiniões e a possibilidade de se debater abertamente questões políticas, sociais e económicas. A ausência desses elementos pode levar a uma apatia cívica e à falta de participação democrática.

A diversidade de vozes nos *media* é essencial para o funcionamento de uma democracia. As perspectivas independentes permitem que os cidadãos formem opiniões informadas e participem ativamente na vida política do país. No contexto da guerra híbrida com a Ucrânia, a falta de informações independentes torna mais difícil para os cidadãos russos entenderem a complexidade do conflito e considerarem alternativas às políticas estatais. É importante destacar que a censura e a falta de diversidade de opiniões também têm impacto no âmbito internacional, minando a credibilidade da Rússia no cenário global.

### **3.5. ESTRATÉGIAS DE DESINFORMAÇÃO**

A guerra russo-ucraniana, que teve início em 2014, trouxe à superfície uma série de desafios complexos e multifacetados, sendo a disseminação de desinformação um dos elementos-chave neste cenário.

As estratégias de desinformação dotadas pela Rússia na guerra abrangem diversas táticas - a disseminação de notícias falsas; a manipulação de redes sociais; o uso de agentes de influência; a exploração de divisões étnicas e políticas na Ucrânia (Ferreira, G.B., 2020). O objetivo é influenciar a percepção internacional do conflito, minar o governo ucraniano e promover a narrativa russa, que enfatiza a necessidade de proteger russos étnicos na Ucrânia e preservar a soberania russa na região.

A interseção entre a desinformação e o populismo é uma faceta crítica deste fenómeno. A disseminação de notícias falsas e a criação de inimigos externos são utilizadas para consolidar o poder do Kremlin e manter o apoio popular. A construção de uma narrativa populista enfatiza a soberania russa, a ameaça externa e a necessidade de um líder forte para proteger os interesses do país. Isso, por sua vez, contribui para a manutenção de um ciclo em que o governo russo utiliza a desinformação para fortalecer o seu poder, enquanto promove o populismo como uma maneira de manter esse poder (Galito, M.S., 2017).

Além disso, a dimensão internacional da desinformação russa na guerra russo-ucraniana é relevante para a compreensão do cenário geopolítico. As estratégias de desinformação afetam a percepção internacional do conflito e têm implicações nas relações diplomáticas entre a Rússia e outros países. A disseminação de desinformação frequentemente traduz-se em políticas externas mais assertivas por parte da Rússia, incluindo a anexação da Crimeia.

Os desafios decorrentes dessa conjunção de desinformação e populismo são amplos e profundos. A polarização da opinião pública, a dificuldade em procurar soluções pacíficas e a

erosão da confiança internacional são apenas algumas das consequências deste fenómeno. Lidar eficazmente com estes desafios exige uma abordagem multidimensional que envolva não apenas medidas de contra-informação, mas também a cooperação internacional e o fortalecimento da resiliência democrática em face de ameaças desse tipo. As estratégias de desinformação empregadas pela Rússia no contexto da guerra russo-ucraniana estão inextricavelmente ligadas ao populismo que permeia o discurso político e mediático russo.

### **3.6. IMPLICAÇÕES PARA A GUERRA HÍBRIDA**

A disseminação de desinformação e a promoção de narrativas populistas pelo governo russo influenciam a percepção da guerra híbrida pela população russa, o que pode resultar num maior apoio interno às ações russas no conflito e na legitimação das estratégias empregadas pelo Kremlin (Ferreira, G.B., 2020; Galito M.S., 2017).

Além disso, a desinformação mina a unidade da sociedade ucraniana, explorando divisões étnicas e políticas, tornando mais difícil para o governo ucraniano consolidar o seu controlo sobre as áreas afetadas pelo conflito e prolongando o próprio conflito (Ferreira, M. n.d.). Isso contribui para a erosão da confiança internacional, dificultando a busca por soluções diplomáticas e minando a credibilidade da Rússia no cenário global.

A utilização de desinformação também pode levar a mal entendidos e ações precipitadas, o que poderia resultar numa escalada do conflito. É importante salientar a segurança cibernética como uma componente crítica na guerra híbrida, com implicações para a proteção de infraestrutura crítica e a resiliência das redes de comunicação.

Para enfrentar eficazmente a desinformação e o populismo associado, os países afetados pela guerra híbrida precisam desenvolver estratégias eficazes de contra-informação, incluindo a divulgação de informações precisas, a educação da população sobre a identificação de notícias falsas e a promoção da transparência em relação ações do governo (Itagiba, G., 2017). A cooperação internacional é fundamental, dada a natureza transacional da desinformação, exigindo esforços coordenados para lidar com este desafio complexo. A interseção entre desinformação e populismo tem implicações profundas para o desenvolvimento e a condução da guerra híbrida, destacando a necessidade de estratégias abrangentes e cooperação global para lidar com esses desafios.

#### 4. DESINFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL

A era digital, que começou a ganhar destaque nas últimas décadas, trouxe consigo uma transformação profunda e revolucionária na maneira como as informações são produzidas, disseminadas e consumidas pelo mundo inteiro. Esta revolução tecnológica tem afetado praticamente todos os aspetos da vida contemporânea, desde a comunicação interpessoal até à forma como as instituições governamentais funcionam. No entanto, um dos aspetos mais prementes e desafiadores desse cenário é o crescente problema da desinformação.

A desinformação é um fenómeno que se tem propagado de forma alarmante na sociedade contemporânea. Ela manifesta-se de diversas formas, desde notícias falsas e teorias da conspiração até a informações enganosas ou distorcidas compartilhadas em redes sociais, blogs e outros canais online.

A internet e as redes sociais permitem que informações se espalhem rapidamente, muitas vezes sem qualquer verificação da sua veracidade, o que facilita a propagação de informações falsas, como ressalta Itagiba (2017). Algumas entidades, individuais ou grupos, têm motivações políticas ou económicas para espalhar desinformação. Isso pode incluir a desacreditarão de oponentes políticos ou a geração de receitas por meio de cliques e compartilhamentos de notícias sensacionalistas. Já por si, a diversidade de fontes de informação na internet torna difícil para as pessoas discernirem entre confiáveis e não confiáveis. Além disso, os algoritmos de recomendações podem criar bolhas de filtro que reforçam crenças preexistentes.

A disseminação generalizada de desinformação pode minar a confiança nas instituições, incluindo os *media*, o governo e as instituições académicas. A desinformação muitas vezes é usada para criar divisões dentro da sociedade, seja como base em questões políticas, raciais ou outras, o que pode levar a polarização e conflitos. Durante a pandemia de COVID-19, vimos como a desinformação pode custar vidas ao promover tratamentos não comprovados ou desaconselhar medidas da saúde pública. Assim como pode comprometer a integridade dos processos democráticos, como eleições, ao influenciar a opinião pública de maneira enganosa. Este constante ciclo de notícias falsas ou alarmantes pode causar ansiedade, seres e confusão na sociedade.

Lidar com a desinformação pode ser um desafio complexo que envolve várias partes interessadas, incluindo governos, plataformas de *media* social, organizações de verificação de fatos e indivíduos. É importante promover a alfabetização digital, ensinando as pessoas a discernir informações confiáveis das falsas. Assim como, a regulamentação de plataformas de

*media* social e a promoção da transparência na publicidade online são medidas essenciais para conter a propagação de desinformação.

#### **4.1. CAUSAS DA DESINFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL**

A facilidade com que informações não verificadas e notícias falsas podem ser disseminadas nas redes sociais é um dos fatores críticos (Itagiba, G., 2017). Na era digital, as informações podem ser compartilhadas de maneira instantânea e global, graças às redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas online. Isto tudo cria um ambiente propício para a rápida disseminação de informações não verificadas, boatos e notícias falsas, bastando um simples clique para levar informações enganosas a milhares ou até milhões de pessoas.

Outro fator relevante é a viralização de conteúdo sensacionalista que tende a atrair mais atenção e engajamento nas redes sociais, uma vez que as pessoas são naturalmente atraídas por notícias chocantes, alarmantes ou polêmicas. Portanto, informações sensacionalistas têm mais probabilidade de se espalhar rapidamente, independentemente da sua veracidade.

A manipulação de algoritmos de recomendação desempenha um papel crucial na disseminação de desinformação. As plataformas online frequentemente utilizam algoritmos de recomendação para personalizar o conteúdo exibido aos usuários. Esses algoritmos podem inadvertidamente criar bolhas de filtro, onde as pessoas são expostas apenas a informações que reforçam as suas crenças preexistentes, e também podem promover conteúdo polarizador, uma vez que as opiniões extremas muitas vezes geram mais engajamento.

A ação coordenada de atores mal intencionados é outra causa significativa da desinformação. Muitas vezes, informações enganosas são disseminadas por atores com motivações políticas, económicas ou ideológicas. Isso pode incluir governos, grupos de interesse, “trolls” da internet ou entidades obscuras que visam semear a discordância e a desconfiança por meio da disseminação de informações enganosas. A ação coordenada desses atores pode ser particularmente eficaz na disseminação da desinformação.

O anonimato e a impunidade proporcionados pela internet também desempenham um papel na disseminação de desinformação. A natureza relativamente anónima da internet permite que indivíduos e grupos compartilhem desinformação sem medo de retaliação direta, o que facilita a propagação de informações falsas, uma vez que os responsáveis raramente enfrentam consequências legais.

Por fim, a dificuldade na verificação de fontes é um desafio significativo. Com o volume massivo de informações disponíveis online, muitas vezes é desafiador para os usuários verificar a credibilidade das fontes. A falta da educação mediática e a ausência de habilidades críticas de avaliação de informações também contribuem para a disseminação de desinformação. Para combater este fenómeno são necessárias abordagens holísticas que envolvam educação mediática, regulamentação de plataformas online, esforços de verificação de fatos, transparência e responsabilidade por parte das plataformas, além da conscientização por parte dos usuários.

#### **4.2 IMPACTOS DA DESINFORMAÇÃO NA SOCIEDADE**

A disseminação da desinformação na sociedade contemporânea tem efeitos significativos e abrangentes que abalam diversos aspetos da vida quotidiana. Um dos impactos mais notáveis é a minação da confiança nas instituições, que se estende desde os *media* tradicionais até às autoridades governamentais, passando pelos *media* digitais e redes sociais. À medida que informações falsas, teorias da conspiração e notícias enganosas ganham terreno, o público começa a questionar a credibilidade das fontes tradicionais de informação, incluindo os veículos de *media* respeitáveis.

Os *media* tradicionais, muitas vezes chamados de “mainstream”, enfrentam o desafio de combater a desconfiança que se instala quando notícias falsas ou informações distorcidas são equiparadas a reportagens sérias e imparciais (Gardner, F., 2023). Isso prejudica a capacidade dos *media* tradicionais de cumprirem o seu papel vital na sociedade de informar o público e servir como um contrapeso ao poder.

Por outro lado, a confiança nas autoridades governamentais também é prejudicada quando os governos são percebidos como disseminados de desinformação. Torna-se particularmente evidente em situações de crises, como aconteceu com a pandemia de COVID-19, onde informações contraditórias e mensagens confusas minaram a confiança nas autoridades de saúde pública e nas decisões governamentais.

Os *media* digitais e as redes sociais, embora tenham proporcionado uma plataforma uma plataforma para a disseminação de informações, enfrentam desafios semelhantes. À medida que a desinformação se espalha a alta velocidade nas redes sociais, essas plataformas são percebidas como veículos para informações enganosas. Isso levanta questões sobre a

responsabilidade das empresas de tecnologia em conter a disseminação de desinformação e garantir a integridade das suas plataformas.

Além de minar a confiança a confiança nas instituições, a desinformação contribui significativamente para a polarização política. O fenómeno das “bolhas de filtro” nas redes sociais, onde as pessoas são expostas principalmente a informações que reforçam as suas crenças preexistentes, aumenta as divisões ideológicas. A polarização é agravada quando a desinformação é usada como uma arma política para prejudicar adversários e manipular a opinião pública, exacerbando conflitos políticos e sociais.

Na guerra russo-ucraniana, a desinformação desempenhou um papel significativo, afetando diversas dimensões do conflito e aumentando as tensões. Durante o conflito na Ucrânia, houve a disseminação de imagens e informações falsas para criar uma narrativa específica. Um exemplo notável foi a alegação de que as forças militares ucranianas haviam crucificado um menino em Sloviansk. Essa história espalhou-se rapidamente, causando indignação internacional, antes de ser desmascarada como falsa. (Milmo, D., 2022).

As redes sociais desempenharam e continuam a desempenhar um papel importante na disseminação de informação durante todo o conflito. Contas e páginas falsas são usadas para promover notícias falsas, alimentando a polarização e a desconfiança. Assim como, teorias da conspiração são frequentemente difundidas para desacreditar o governo ucraniano e ampliar a divisão.

### **4.3. IMPLICAÇÕES PARA A DEMOCRACIA**

A disseminação da desinformação representa um desafio fundamental para a democracia em diversas frentes. A primeira e mais evidente implicação é a forma como a desinformação prejudica a capacidade do cidadão tomar decisões informadas. Numa democracia saudável, os eleitores devem ter acesso a informações precisas e imparciais para escolher os seus representantes e avaliar as políticas propostas. No entanto, quando informações incorretas ou enganosas inundam o espaço público, as decisões políticas podem ser distorcidas. Isso pode levar a escolhas subestimas e prejudicar o bem-estar público.

Na Rússia, o governo tem sido acusado de usar a desinformação como uma ferramenta para consolidar o poder e controlar a narrativa. Durante a anexação da Crimeia pela Rússia em 2014, informações falsas foram disseminadas para justificar a intervenção militar, alegando que russos étnicos na Crimeia estavam em perigo. Essas informações enganosas desempenharam

um papel importante na opinião pública e na legitimação da anexação (Dolin, V. & Milhazes, J., 2023).

No contexto das eleições presenciais na Ucrânia, surgiram alegações infundadas de fraude eleitoral, muitas vezes baseadas em informações falsas, o que minou a confiança na integridade do processo eleitoral. Essas alegações prejudicaram a aceitação dos resultados eleitorais e alimentaram tensões políticas.

Estes exemplos ilustram como a desinformação pode ser usada para manipular a percepção pública, influenciar eleições e minar a confiança nas instituições democráticas. A desinformação torna-se uma ameaça direta à democracia, comprometendo a capacidade do público de tomar decisões informadas e enfraquecendo a integridade dos processos eleitorais, tornando a região vulnerável a interferências e tensões políticas. Portanto, combater a desinformação é essencial para preservar a saúde da democracia em qualquer contexto.

#### **4.4 DESAFIOS NO COMBATE À DESINFORMAÇÃO**

Um dos principais desafios no combate à desinformação reside em encontrar o equilíbrio apropriado entre a liberdade de expressão e o controlo da disseminação de informações incorretas. Regular o fluxo de informações online é uma tarefa delicada que envolve ponderar como restringir a desinformação sem infringir as liberdades individuais de expressão. É fundamental garantir que as medidas de combate à desinformação não se transformem em censura.

As plataformas de *media* sociais desempenham um papel central na disseminação da desinformação. No entanto, a moderação de conteúdo nessas plataformas é um desafio significativo. Definir claramente o que constitui desinformação, bem como equilibrar a aplicação consistente das políticas de moderação, é complexo. Além disso, as decisões de moderação muitas das vezes geram controvérsias, com preocupações sobre uma possível censura seletiva ou viés político.

Por sua vez, a informação falsa propaga-se muito rapidamente nas redes sociais e internet, muitas vezes até antes de as informações corretas serem disseminadas. Esta rapidez dificulta a tarefa de acompanhar e conter a propagação de notícias falsas, que podem ganhar tração facilmente.

A capacidade de permanecer anónimo na internet também se demonstra um desafio. A natureza relativamente anónima, permite que aqueles que disseminam desinformação evitem a responsabilização. A falta de regulamentação e fiscalização torna difícil rastrear a origem da desinformação e responsabilizar os autores pelas suas ações.

A natureza global e descentralizada da internet apresenta desafios jurídicos e transacionais. A diferença nas leis e na jurisdição entre países torna complexa a regulamentação da desinformação num ambiente digital global. Sendo assim, a cooperação internacional é fundamental para abordar a desinformação que muitas vezes cruza fronteiras como é o caso em que hoje nos encontramos ao assistir a troca de informações online sobre a guerra russo-ucraniana.

A falta de educação mediática e habilidades críticas para avaliar a qualidade das informações online é outro desafio subjacente. Muitas pessoas carecem das capacidades necessárias para discernir entre informações confiáveis e desinformação.

A desinformação em si pode também ser lucrativa. Algumas pessoas e grupos têm incentivos financeiros para criar e disseminar informações falsas, o que torna a desinformação ainda mais difundida e resiliente.

As redes sociais frequentemente expõem as pessoas a informações que reforçam as suas crenças preexistentes, criando bolhas de filtro onde as informações enganosas são aceites e amplificadas, alimentando a polarização.

Combater a desinformação requer uma abordagem abrangente que envolva educação mediática, esforços de verificação de factos, regulamentação equilibrada de plataformas online, transparência na publicidade política e responsabilidade por parte das plataformas.

#### **4.5. ESTRATÉGIAS DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO**

A disseminação da desinformação em ambientes de conflito, como a guerra russo-ucraniana, representa um desafio significativo e multifacetado que ameaça a integridade da informação e estabilidade das democracias. Neste contexto é imperativo abordar estratégias específicas para combater a desinformação, reconhecendo a complexidade inerente a esta questão.

A promoção da educação mediática emerge como um elemento fundamental na abordagem da desinformação. Programas de educação mediática nas escolas e na sociedade em geral podem capacitar os cidadãos a desenvolver habilidades críticas para avaliar a qualidade das

informações, identificar a desinformação e discernir fontes confiáveis de informações. Esta estratégia, de natureza preventiva, visa fortalecer a resistência do público à disseminação da desinformação.

As organizações de verificações de factos desempenham um papel crucial no combate à desinformação. Estas entidades têm a capacidade de analisar informações e desmascarar notícias falsas. Através da divulgação de correções e factos verificados, contribuem para a promoção da verdade factual.

Plataformas de *media* social desempenham um papel central na disseminação de desinformação. Exigir uma maior transparência nas políticas de moderação de conteúdo e nas operações destas plataformas é imperativo. Além disso, é fundamental garantir que informações sobre anúncios políticos e a remoção de contas falsas sejam divulgadas de forma aberta. Esta estratégia visa aumentar a responsabilidade das plataformas em relação ao conteúdo difundido.

A natureza transnacional da desinformação requer uma abordagem cooperativa a nível internacional. A colaboração entre governos, organizações internacionais e empresas de tecnologia é essencial para enfrentar a desinformação que frequentemente ultrapassa fronteiras. Acordos internacionais e a partilha de melhores práticas podem desempenhar um papel vital na mitigação da disseminação de informações falsas.

A implementação de leis que visem a disseminação de informações falsas é uma medida que deve ser abordada com cautela. É fundamental que tais leis sejam formuladas de modo a combater a desinformação sem comprometer a liberdade de expressão. Estas legislações podem incluir penalizações para a disseminação deliberada de informações enganosas, promovendo assim a responsabilidade pelo conteúdo divulgado.

A integridade de processos eleitorais e campanhas políticas é essencial para a prevenção da desinformação. A promoção da transparência nas campanhas políticas, incluindo a divulgação de financiamento e anúncios políticos, reduz a influência da desinformação no contexto eleitoral.

No contexto da guerra russo-ucraniana, a propaganda estatal desempenha um papel significativo na disseminação da desinformação. Monitorar e expor esforços de desinformação promovidos por governos é fundamental para mitigar a sua influência.

Incentivar a participação ativa dos cidadãos no processo de verificação da informação é essencial. Os cidadãos podem ser incentivados a denunciar informações enganosas e a

partilhas fontes confiáveis, contribuindo assim para a redução da disseminação da desinformação.

Este conjunto de estratégias aborda a complexidade da desinformação no contexto da guerra russo-ucraniana. A sua implementação eficaz requer uma abordagem coordenada e multidisciplinar, tendo em conta a natureza global da desinformação e os desafios inerentes ao seu combate. Ademais, é importante avaliar a eficácia destas estratégias na mitigação da disseminação de informações falsas durante o conflito, a fim de contribuir para a preservação da integridade da informação e da estabilidade democrática.

#### **4.6. O PAPEL DO INDIVÍDUO E DA SOCIEDADE**

No que tange ao papel do indivíduo, torna-se claro que as habilidades críticas na avaliação de informações desempenham um papel fundamental na contenção da desinformação. A promoção da educação mediática, por meio de programas educacionais nas escolas e em toda a sociedade, capacita os indivíduos a discernir entre notícias verdadeiras e informações falsas. Esta educação contribui para o fortalecimento da resiliência do público face à disseminação da desinformação. Além disso, cada indivíduo tem a responsabilidade de verificar a veracidade das informações antes de as partilhar. A partilha irresponsável e desinformada de informações sem prévia verificação contribui significativamente para a propagação da desinformação, sendo crucial a consciência desta responsabilidade pessoal na disseminação de informações.

Os indivíduos desempenham um papel importante na denúncia de informações falsas, sendo que a capacidade de denunciar conteúdo enganoso às plataformas de redes sociais e à imprensa é um instrumento valioso na identificação e mitigação da desinformação. Contudo, a conscientização em relação às bolhas informativas, nas quais as redes sociais frequentemente expõem as pessoas a informações que reforçam as suas crenças preexistentes, é de suma importância. Os indivíduos podem procurar fontes de informação diversificadas e manter um espírito crítico em relação ao conteúdo consumido, a fim de contrariar a propagação de informações falsas.

No que concerne ao papel da sociedade, esta pode promover a inclusão de programas de educação mediática nos currículos escolares, garantido que as gerações futuras estejam adequadamente preparadas para lidar com a desinformação. A sociedade pode apoiar o jornalismo independente e de qualidade, que é essencial na divulgação de informações precisas e na verificação de factos, contribuindo para contrariar a propagação de informações

falsas. Além disso, a sociedade pode incentivar a participação cívica ativa, incluindo a denúncia de informações falsas. A criação de mecanismos de denúncia, protegendo os denunciantes, é fundamental para a identificação e correção da desinformação. A sociedade, como um todo, pode exercer pressão sobre as plataformas de redes sociais para que sejam mais transparentes em relação às suas políticas de moderação de conteúdo e à forma como lidam com a desinformação. A pressão da sociedade pode influenciar positivamente a responsabilidade das plataformas.

Em última análise, a conscientização da responsabilidade coletiva na luta contra a desinformação é vital. A desinformação é um desafio que afeta não apenas o indivíduo, mas toda a coletividade, e a consciência desta responsabilidade coletiva é essencial. O papel do indivíduo e da sociedade é crucial no combate à desinformação, sendo que, através de uma educação mediática eficaz, da promoção da responsabilidade pessoal, da participação ativa na denúncia de informações falsas e da promoção de um ambiente informacional saudável, indivíduos e a sociedade em geral podem contribuir significativamente para a mitigação da disseminação da desinformação. Esta colaboração é fundamental para a preservação da integridade da informação e a sustentação da democracia em contextos desafiadores, como a guerra russo-ucraniana.

## 5. O CASO DO POLÍGRAFO

Existem diversos projetos de *fact-checking* em Portugal, como o segmento “Fact-Check” do Observador e a “Prova dos Factos” do Público. Contudo, por uma questão deste ter sido pioneiro e representativo do trabalho que já foi feito a este nível, utilizo o “Polígrafo Sic” como exemplo para esta dissertação.

O “Polígrafo” constitui um projeto jornalístico online, pertencente ao grupo Impresa, especializado em *fact-checking*, dedicado à verificação da veracidade de informações difundidas nos *media* e nas redes sociais. Esse empreendimento é notável pelo seu compromisso em desmascarar notícias falsas, promovendo, assim, a transparência na disseminação de informações.

O projeto é amplamente reconhecido como uma fonte de credibilidade e confiança quando se trata de averiguar a precisão de notícias e declarações. A sua equipa de jornalistas e investigadores realiza investigações profundas, procurando evidências e consultando múltiplas fontes, a fim de assegurar a precisão dos factos.

Por meio de uma metodologia fundamentada em dados e evidências, o “Polígrafo” analisa minuciosamente as informações em questão, confrontando-as com registros oficiais, documentos, opiniões de peritos e outras fontes dignas de confiança. O propósito central é fornecer ao público uma representação nítida e precisa dos factos, desempenhando, deste modo, um papel importante no combate à propagação de informações falsas e enganosas.

Com base neste projeto, nasceu então, o “Polígrafo SIC”, um programa de televisão que faz verificação de factos sobre assuntos da atualidade. É transmitido na SIC Notícias, às segundas feiras, no Jornal da Noite. O programa tem como objetivo combater a desinformação e promover o jornalismo de qualidade, esclarecendo os telespectadores sobre o que é verdadeiro e o que é falso nas notícias que circulam na sociedade. A equipa do programa também responde às dúvidas e questões dos cidadãos, estes podem envia-las para o email fornecido.

### 5.1. FAKE NEWS SOBRE A GUERRA RUSSO-UCRANIANA NO POLÍGRAFO SIC

No dia 14 de março de 2022, o programa de verificação de factos "Polígrafo Sic" procedeu à desmistificação de várias informações falsas que circulavam nas redes sociais durante o primeiro mês do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Uma dessas informações dizia respeito a uma imagem que alegadamente retratava o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, vestindo uma camisola da seleção ucraniana com uma suástica nazi. O "Polígrafo" demonstrou que esta fotografia tinha sido manipulada a partir de uma imagem pré-existente do presidente ucraniano vestindo uma camisola com o número 95 da seleção ucraniana, a qual havia sido previamente publicada na sua conta oficial do Instagram.

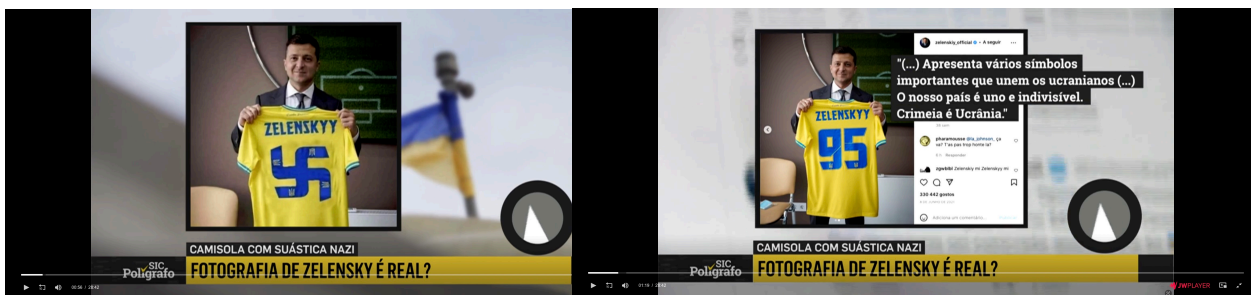


Figura 1 - à esquerda imagem manipulada de Zelensky apresentada no polígrafo SIC, à direita imagem oficial do Instagram do presidente (Polígrafo Sic)

No programa em questão, também foi destacada uma notícia que indicava que as autoridades russas haviam avançado com uma teoria, alegando que os ucranianos teriam empregado uma influenciadora da área da moda para reforçar a narrativa de que o ataque à maternidade em Mariupol teria sido encenado, insinuando que a mulher em questão teria sido acusada de simular ferimentos e uma gravidez. A Embaixada Russa no Reino Unido, na sua conta de Twitter (@russianembassy), acusou a influenciadora Marianna Podgurskaya de ter representado duas personagens diferentes de mulheres grávidas nas fotografias partilhadas do referido acontecimento trágico. Além disso, uma plataforma espanhola de verificação de factos levou a cabo um processo de reconhecimento facial que envolveu uma fotografia da mulher grávida na maternidade e uma imagem da influenciadora nas redes sociais, concluindo, com 76% de confiança, que se tratava da mesma pessoa. No entanto, o "Polígrafo SIC" considerou a afirmação das autoridades russas como falsa.



Figura 2 - Imagem de Marianna Podgurskaya no atentado à maternidade de Mariupol (Polígrafo Sic)



Figura 3 - Imagem do reconhecimento facial da influencer (Polígrafo Sic)

No mesmo episódio do programa, também foi apresentada uma fotografia que se tornou viral nas redes sociais, retratando a Praça da Independência, em Kiev, antes e depois do ataque russo. Embora ambas as imagens sejam autênticas, a fotografia que mostra a praça destruída não corresponde à data mencionada, mas sim a um evento ocorrido há oito anos. Naquela ocasião, a Praça da Independência foi palco de violentos confrontos que resultaram em centenas de mortes, devido à decisão do então presidente de manter ligações próximas com a Rússia. Essa imagem foi capturada por uma fotógrafa da agência Reuters naquela época.



Figura 4 - Praça da Independência, Kiev, antes e depois (Polígrafo Sic)

Também foi discutida uma imagem que representava uma criança com o punho erguido diante de um soldado russo, e esta imagem foi amplamente difundida nas redes sociais como sendo autêntica. No entanto, o vídeo original retratava uma situação que ocorreu em 2012, na qual uma menina palestina solicitava a libertação de seu irmão, de 15 anos de idade, que havia sido detido minutos antes por um soldado israelense. Este confronto entre a criança e o soldado foi testemunhado por vários fotógrafos, tornando a criança um símbolo da resistência palestina contra Israel. A avaliação feita pelo "Polígrafo Sic" concluiu que a imagem era falsa, uma vez que não estava relacionada ao conflito russo-ucraniano, mas sim a eventos ocorridos em um contexto diferente e em uma data anterior.



Figura 5 - Alegada imagem de menina ucraniana enfrentando um soldado russo (Polígrafo Sic)

## 5.2. IMPORTÂNCIA A LITERACIA MEDIÁTICA

Programas de verificação de factos, como o Polígrafo SIC, desempenham um papel fundamental na promoção da educação cívica e no fortalecimento da democracia. Estes programas têm a capacidade de identificar e expor informações falsas e manipuladas que podem influenciar a opinião pública. Ao fazer isso, desempenham um papel vital na preservação da integridade do debate público e na construção da confiança nas instituições.

Num mundo de informações complexas e frequentemente ambíguas, este tipo de programas fornecem contexto e esclarecimentos que ajudam os cidadãos a compreender melhor as informações em circulação. Ao fornecerem dados verificáveis e fontes confiáveis, capacitam os cidadãos a realizarem as suas próprias verificações, promovendo a autonomia e o pensamento crítico na avaliação da informação. A exposição de exemplos de desinformação incentiva a sociedade a desenvolver competências de pensamento crítico, capacidade de análise e discernimento na distinção entre informações verdadeiras e falsas.

Além de verificar a precisão das informações, estes programas também desempenham um papel vital na denúncia de discursos de ódio, discriminação e violência. Assim, contribuem para a promoção e preservação dos valores democráticos e dos direitos humanos.

Ao submeter as declarações e ações dos meios de comunicação e políticos a escrutínio público, estes programas incentivam a uma maior honestidade, precisão e ética no jornalismo e na política, promovendo uma comunicação responsável.

## II. ESTUDO DE CASO: A GUERRA NA UCRÂNIA E A CONFIANÇA NAS FONTES

### 1. METODOLOGIA

Na presente dissertação, que se debruça sobre a temática da desinformação em contexto de guerra híbrida, com enfoque no conflito russo-ucraniano, adotamos uma abordagem metodológica ancorada em pilares teóricos multidisciplinares. Esta escolha metodológica encontra fundamentação nas seguintes vertentes teóricas:

1. Nacionalismo: Esta vertente teórica é crucial para compreender como as narrativas do nacionalismo são utilizadas para moldar a opinião pública, especialmente em contextos de conflito. A manipulação de sentimentos nacionalistas pode intensificar a disseminação de desinformação, fortalecendo narrativas polarizadas.
2. Teoria do Agendamento: Este quadro teórico é essencial para entender como os meios de comunicação influenciam a percepção do público sobre temas relevantes, incluindo narrativas nacionalistas.
3. Guerra Híbrida e Estratégias de Conflito Modernas: Analisamos a interação entre guerra híbrida, desinformação e nacionalismo, evidenciando como a desinformação é utilizada como ferramenta de guerra.
4. Literacia Mediática: Abordamos a importância da literacia mediática para discernir informações verídicas de narrativas nacionalistas distorcidas em períodos de conflitos armados.

Esta pesquisa é um estudo exploratório que serve apenas de primeira abordagem para contribuir e dar resposta a questões que se levantem em investigações futuras.

Este estudo procura responder a várias questões de pesquisa, concretamente:

QP1. Como é que a sociedade avalia a confiabilidade e a validade das fontes de informação, especialmente num ambiente saturado de informações?

QP2. Existe alguma relação entre a proliferação de fontes de notícias e a percepção da confiabilidade das informações?

QP3. De que forma os líderes populistas usam os meios de comunicação para amplificar a sua mensagem e de que forma isso influencia a opinião pública?

## 1.1. RECOLHA DE DADOS

Para realizar a seguinte pesquisa, foi desenvolvido um formulário no Google Forms contendo perguntas relacionadas à crença em informações sobre a guerra na Ucrânia, bem como informações demográficas. O formulário foi distribuído a uma amostra de 50 participantes. A recolha de dados foi realizada de forma anónima para garantir a confidencialidade das respostas.

## 2. VARIÁVEIS CONSIDERADAS

Na presente pesquisa, foram consideradas diversas variáveis com o intuito de analisar e compreender as atitudes e crenças dos participantes em relação à cobertura da guerra na Ucrânia. As variáveis consideradas englobam aspetos demográficos, crenças, comportamentos e atitudes dos entrevistados.

A primeira variável, "Género", permitiu aos participantes indicar sua identificação de género, com as opções de resposta sendo "feminino", "masculino" ou "preferiram não dizer". Este dado proporcionou uma visão sobre possíveis diferenças nas respostas e crenças relacionadas à guerra com base na identidade de género dos entrevistados.

A variável "Idade" representou uma dimensão demográfica crucial na análise dos resultados. Os participantes forneceram informações sobre sua idade, o que abrangeu uma faixa etária variada, de 19 a 67 anos. Esta variável permitiu a avaliação das possíveis influências das diferentes faixas etárias nas crenças e comportamentos em relação à cobertura mediática do conflito ucraniano.

A próxima variável, denominada "Crença em afirmações sobre a guerra na Ucrânia", consistiu na base da análise central desta pesquisa. Os participantes foram solicitados a expressar suas crenças em relação a uma série de afirmações vinculadas à guerra na Ucrânia, por meio de respostas que contemplavam "verdadeira", "falsa" e "não tenho a certeza". Esta variável forneceu *insights* fundamentais sobre como os entrevistados interpretam e avaliam informações específicas relacionadas ao conflito.

A "Frequência de Verificação de Fontes de Notícias" representou uma dimensão importante na pesquisa. Os participantes foram convidados a indicar com que regularidade eles costumam verificar as fontes das notícias ao avaliar a credibilidade das informações relativas à guerra

russo-ucraniana. As opções de resposta incluíram "raramente", "com frequência", "sempre" e "nunca", fornecendo uma visão sobre os hábitos de verificação de fontes dos entrevistados.

As "Principais Fontes de Notícias" constituíram outra variável de relevância nesta pesquisa. Os participantes foram instados a apontar as principais fontes de notícias que habitualmente consultam para obter informações sobre a guerra na Ucrânia. As opções incluíam televisão, redes sociais, websites de notícias, jornais impressos e *deepweb*, proporcionando informações essenciais sobre as fontes de informação preferidas dos entrevistados.

A "Confiança na Precisão das Notícias" foi avaliada mediante uma escala de resposta que incluía categorias como "pouca confiança", "alguma confiança", "muita confiança" e "nenhuma confiança". Esta variável permitiu uma compreensão da confiança geral dos participantes na precisão das notícias fornecidas pelos meios de comunicação em relação à guerra na Ucrânia.

Por último, a variável "Experiência com Informações Falsas" explorou se os entrevistados já haviam se deparado com informações que posteriormente se demonstraram falsas em relação ao conflito ucraniano, bem como como reagiram a essas informações. As respostas revelaram como os participantes lidam com a detecção de desinformação e quais ações tomam quando confrontados com informações inexatas.

Em conjunto, estas variáveis foram fundamentais para uma análise abrangente das atitudes, crenças e comportamentos dos entrevistados em relação à cobertura mediática da guerra na Ucrânia. Estas informações proporcionaram uma base sólida para a pesquisa e contribuíram significativamente para a compreensão das dinâmicas subjacentes a essa questão de importância crucial.

### **3. ANÁLISE DE DADOS**

Com o intuito de analisar os dados coletados na pesquisa, procedeu-se a uma análise abrangente que se desdobrou em diversas etapas, visando obter uma compreensão profunda das respostas e tendências apresentadas pelos participantes.

#### **3.1. ANÁLISE DESCRITIVA**

A análise descritiva inicial dos dados coletados fornece informações valiosas sobre as características demográficas dos participantes e as suas preferências de fontes de informação.

A amostra de participantes é composta principalmente por indivíduos do género feminino, representando 56% da amostra, seguidos por participantes do género masculino, que compreendem 42% da amostra. Apenas 2% dos participantes preferiram não divulgar o seu género.

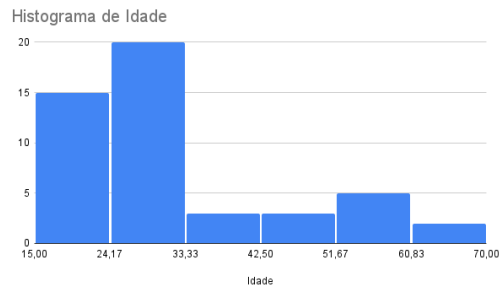


Figura 7 - Histograma de Idade

A idade dos participantes varia consideravelmente, abrangendo um intervalo de 19 a 67 anos. A análise estatística das idades revela que a média dos participantes é de aproximadamente 36 anos; a idade mediana dos participantes é de cerca de 35 anos, o que significa que metade dos participantes tem menos de 35 anos e metade tem mais de 35 anos. O desvio-padrão da idade dos participantes é de cerca de 13 anos, o que indica a dispersão dos dados em relação à média. Isso indica que as idades variam consideravelmente em torno da idade média, indicando uma amostra diversificada em termos de faixa etária.

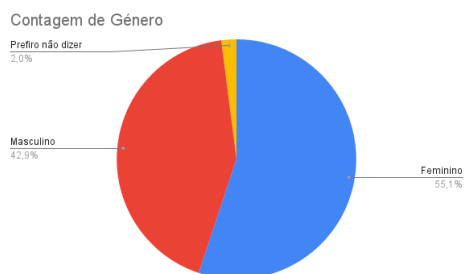


Figura 6 - Gráfico Contagem de Género

A análise das crenças dos participantes em relações a várias afirmações relacionadas à guerra na Ucrânia demonstra uma diversidade de opiniões. Em algumas afirmações, como “genocídio em Donbas” e “sabotadores polacos”, a maioria dos participantes expressou incerteza.

Em outras afirmações, como “nazismo na sociedade ucraniana”, houve uma divisão mais equitativa entre “verdadeira” e “falsa”.

Contagem de Acredita que "Os sabotadores de língua polaca tentaram bombardear uma fábrica de cloro em Donbas" é uma afirmação verdadeira ou falsa?

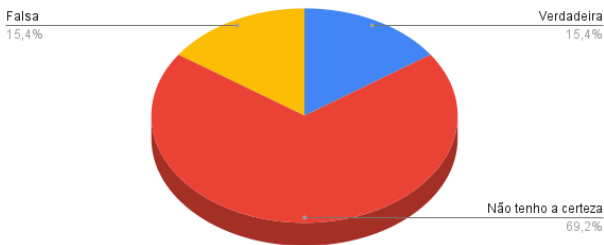


Figura 8 - Respostas sobre os "sabotados em polacos"

Contagem de Acredita que "Os residentes de língua russa na região de Donbas na Ucrânia foram sujeitos a genocídio" é uma afirmação verdadeira ou falsa?

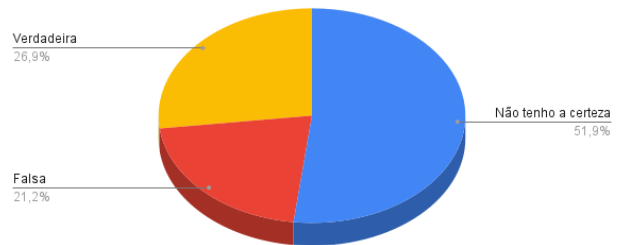


Figura 9 - Respostas sobre o "genocídio em Donbas"

Contagem de Acredita que "O nazismo está generalizado na política e na sociedade ucraniana, apoiado pelas autoridades em Kiev" é uma afirmação verdadeira ou falsa?

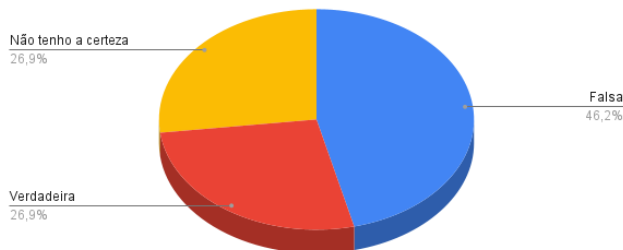


Figura 10 - Respostas sobre o "nazismo na sociedade ucraniana"

A frequência com que os participantes verificam as fontes de notícias varia, com uma parcela significativa indicando que verifica com frequência ou sempre, mas também com um número não negligenciável que raramente ou nunca verifica a fonte de notícias.

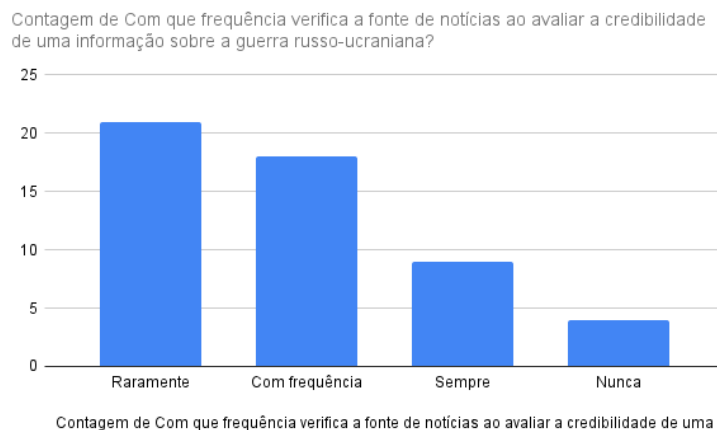


Figura 11 - Contagem da frequência com que verificam as fontes

As principais fontes de notícias dos participantes variam, com a televisão e redes sociais sendo as mais mencionadas. No entanto, observa-se uma parcela significativa consulta websites de notícias. Um participante indicou a *deepweb* como fonte de informação.

A confiança na precisão das notícias difere entre os participantes. A maioria possui pouca confiança, mas também há aqueles que têm alguma ou muita confiança. Além disso, alguns participantes não têm nenhuma confiança na precisão das notícias.

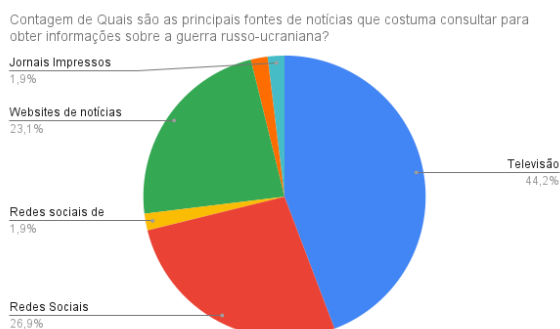


Figura 12 - Gráfico das principais fontes de informação

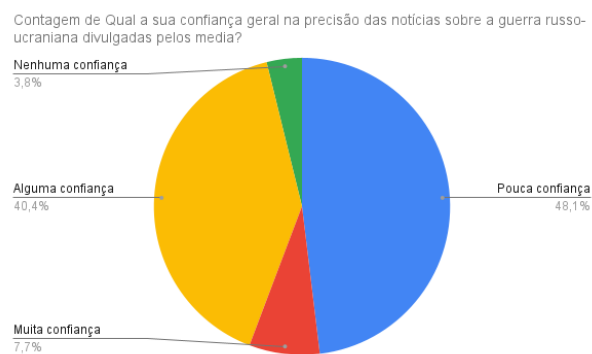


Figura 13 - Gráfico da confiança sobre as notícias

Uma parte dos participantes já se deparou com informações falsas relacionadas à guerra na Ucrânia. As suas reações variam, com a maioria indicando que verificaram outras fontes quando isso ocorreu, mas também existem casos em que as informações falsas foram compartilhadas.

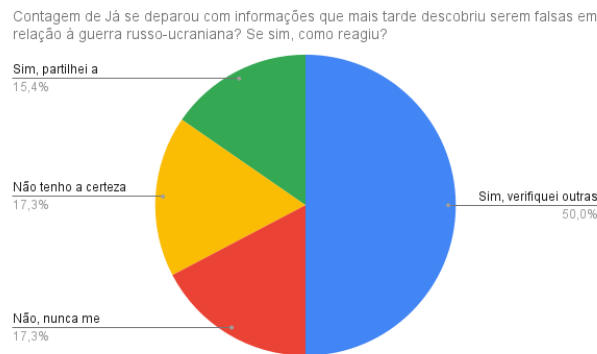


Figura 14 - Contagem de casos onde se depararam com notícias falsas

Esta análise inicial proporcionou uma compreensão ampla das características demográficas dos entrevistados, bem como dos seus comportamentos e crenças em relação à guerra na Ucrânia. Essa compreensão é essencial para a análise mais aprofundada dos dados e para a investigação das correlações e associações entre as variáveis em estudos posteriores.

### 3.2. ANÁLISE DE CORRELAÇÃO

A análise de correlação de Pearson foi conduzida para avaliar possíveis relações entre a idade dos participantes e as suas crenças em relação à guerra russo-ucraniana, bem como a credibilidade que deposita nos *media*.

Não foi identificada uma correlação significativa entre a idade dos participantes e as suas crenças nas afirmações referidas no questionário sobre a guerra na Ucrânia, Oo que indica que, com base nos dados coletados, não há uma relação linear clara entre a idade e as crenças em relação aos eventos sobre a guerra referida. Portanto, a idade não parece ser um fator significativo na formação dessas crenças.

A análise de correlação também não revelaram uma correlação significativa entre a idade dos participantes e a sua confiança na precisão das notícias sobre a guerra na Ucrânia. Isso sugere que a idade não é um fator determinante na confiança nas fontes de notícias, pelo menos com base nos dados coletados.

### **3.4. ANÁLISE QUI-QUADRADO**

Foi também utilizado o teste de qui-quadrado para investigar possíveis associações entre variáveis categóricas, como o género dos participantes e as suas crenças nas afirmações sobre a guerra na Ucrânia. Contudo, não foi identificada uma associação estatisticamente significativa entre o género dos participantes e as crenças referidas. Ou seja, não há diferenças significativas nas crenças entre homens e mulheres em relação aos eventos na Ucrânia no estudo realizado.

### **3.5. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Com o intuito de analisar os dados coletados na pesquisa, procedeu-se a uma análise abrangente que se desdobrou em diversas etapas, visando obter uma compreensão profunda das respostas e tendências apresentadas pelos participantes.

A análise dos dados revela diversas tendências e padrões significativos que fornecem informações valiosas sobre a relação entre género, idade, crenças em afirmações sobre a guerra russo-ucraniana e o uso de fontes de informação. Vamos interpretar os principais resultados:

- A maioria dos participantes que respondeu às afirmações sobre a Guerra na Ucrânia afirmou não ter a certeza quanto à veracidade das informações, indicando uma atitude prudente em relação à aceitação de informações sem uma investigação mais aprofundada;
- Não houve uma diferença significativa nas crenças entre homens e mulheres em relação às afirmações, no entanto, é relevante notar que uma quantidade ligeiramente maior de mulheres que expressou incerteza;
- A análise mostrou que diferentes grupos etários têm crenças distintas em relação à guerra russo-ucraniana, o que sugere que a idade influencia as perspectivas das pessoas sobre o conflito;

- Participantes mais jovens tendem a ter uma postura mais incerta em relação às afirmações do que os participantes mais velhos, indicando uma possível maior abertura a múltiplas fontes de informação;
- A televisão foi a principal fonte de informação citada pelos participantes, seguida pelas redes sociais e websites de notícias;
- O facto de uma parcela significativa dos participantes obter informações das redes sociais é relevante, uma vez que as redes sociais frequentemente apresentam desafios em relação à disseminação de desinformação.
- A maioria dos participantes expressou pouca confiança nas notícias sobre a Guerra na Ucrânia divulgadas pelos meios de comunicação o que sugere que a confiança na precisão da cobertura mediática é relativamente baixa;
- A falta de confiança pode estar relacionada ao fenómeno da desinformação, o que enfatiza a importância de promover a credibilidade dos *media*;
- A maioria dos participantes relatou verificar outras fontes quando se deparou com informações que mais tarde se revelaram falsas, o que demonstra uma abordagem responsável à busca da verdade;
- Alguns participantes admitiram ter compartilhado informações antes de verificar a sua veracidade, destacando a necessidade de educação mediática.

Em resposta à questão número 1, os dados indicam que a sociedade tem uma abordagem prudente em relação à confiabilidade e validade das fontes de informação. A maioria dos participantes demonstrou incerteza quanto à veracidade das informações sobre a Guerra na Ucrânia, sugerindo uma atitude cautelosa em relação à aceitação de informações sem uma investigação mais aprofundada. Isso pode refletir a conscientização da sociedade sobre a proliferação de desinformação em ambientes saturados de informações, levando as pessoas a adotarem uma postura mais crítica em relação às fontes de informação.

Em resposta à pergunta 2, os dados revelam que a fonte de informação utilizada pelos participantes está relacionada à sua percepção de confiabilidade. A televisão foi a principal fonte citada, seguida pelas redes sociais e websites de notícias. No entanto, a maioria dos participantes expressou pouca confiança nas notícias divulgadas pelos meios de comunicação. Isso sugere que, embora existam diversas fontes de notícias disponíveis, a confiança na precisão da cobertura mediática é relativamente baixa. Isso pode ser devido à preocupação com a desinformação e à necessidade de promover a credibilidade dos meios de comunicação.

Por fim, na pergunta 3, podemos concluir que os dados da pesquisa não fornecem informações diretas sobre como os líderes populistas usam os meios de comunicação para amplificar suas mensagens ou como isso influencia a opinião pública. No entanto, a pesquisa indica que a maioria dos participantes verifica outras fontes quando confrontados com informações que posteriormente se revelam falsas. Isso demonstra uma abordagem responsável à busca da verdade e sugere que, se os líderes populistas usam os meios de comunicação para disseminar informações duvidosas, o público está disposto a verificar a veracidade das informações. A influência dos líderes populistas nas opiniões públicas provavelmente depende de vários fatores, incluindo a confiabilidade das fontes de informação utilizadas pelos indivíduos e suas atitudes em relação à busca de informações precisas.

#### **4. CONCLUSÕES**

A pesquisa em questão aprofundou-se na análise do papel crucial desempenhado pela desinformação no contexto da guerra híbrida russo-ucraniana. Os resultados destacam que a disseminação de informações falsas e distorcidas desempenha um papel de significativa influência na formação da percepção pública, bem como na criação de narrativas conflitantes que permeiam o conflito.

Observou-se que os atores envolvidos na guerra híbrida empregam uma ampla gama de táticas, abrangendo operações cibernéticas, campanhas de propaganda, estratégias de guerrilha informacional e manipulação dos *media*. As técnicas mencionadas, muitas vezes interconectadas, são utilizadas com o propósito de alcançar objetivos específicos, com o enfraquecimento da estabilidade da Ucrânia, a polarização das opiniões públicas e a disseminação de narrativas conflitantes que reforçam o seu próprio ponto de vista.

Além disso, a análise da cobertura mediática internacional e nacional relevou que a falta de contextualização e o desejo de manter o equilíbrio na narrativa muitas vezes perpetuam a propagação da desinformação. Os *media* exercem uma influência considerável na formação da opinião pública, tornando-se um ator-chave na disseminação de informações e, por vezes, um vetor involuntário da desinformação. Esta realidade é ainda mais complexa, uma vez que as narrativas conflitantes podem imputar a tomada de decisões políticas, tanto no âmbito nacional quanto internacional, o que confere uma dimensão crítica a essa questão.

É evidente que a interligação entre guerra híbrida, desinformação e cobertura mediática é um fenómeno multifacetado e desafiador. Os resultados desta pesquisa sublinham a urgência de

abordar a disseminação de desinformação e o seu impacto na sociedade contemporânea. Compreender a complexidade dessas interações é crucial para enfrentar de maneira eficaz os desafios da desinformação num mundo globalizado e altamente conectado.

As opiniões expressas pelos entrevistados revelam um ceticismo generalizado em relação à credibilidade dos meios de comunicação na cobertura da guerra russo-ucraniana. As vozes dos participantes ecoam preocupações substanciais relacionadas à integridade da informação transmitida pelos meios de comunicação e à busca incessante por lucro, influência e recursos primários.

É evidente a percepção de que, em muitos casos, a busca pelo lucro e pelo sucesso comercial influencia a forma como os meios de comunicação relatam eventos de conflito. A preocupação de que notícias sejam moldadas para atrair mais audiência, recursos financeiros ou influência é uma constante nas opiniões dos entrevistados.

Uma preocupação mais profunda é a percepção de que a credibilidade dos meios de comunicação vem diminuindo ao longo do tempo. Muitos entrevistados sentem que os *media* deixaram de ser fontes fidedignas de notícias, o que se reflete no grande número de respostas “não tenho a certeza” nas questões sobre as afirmações relacionadas à guerra na Ucrânia.

Diante deste ceticismo, os entrevistados enfatizam a importância de investigar e questionar a origem das informações. Há um apelo unânime para que o público assuma um papel ativo na verificação das notícias e na promoção de uma postura cética em relação às fontes de informação.

Os entrevistados também destacam a tendência dos *media* de praticar propaganda e adjetivação na sua cobertura da guerra russo-ucraniana. Há preocupações de que as notícias sejam divulgadas sem a devida verificação da veracidade, levando a uma desconexão entre a opinião pública e a realidade dos eventos.

A desconfiança em relação aos *media* é uma constante ao longo das opiniões dos entrevistados. Muitos expressam o seu descontentamento com a falta de integridade na reportagem de notícias e consideram a situação como uma “vergonha” e uma prática “massiva”.

Estas opiniões dos entrevistados lançam luz sobre as preocupações profundas que permeiam a relação entre o público e os meios de comunicação na cobertura dos conflitos. Eles refletem um ambiente em que a desinformação, a propaganda e a falta de confiança desafiam a narrativa tradicional dos *media* como fontes confiáveis de notícias. Em última análise, essas

vozes destacam a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel dos *media* na sociedade e o imperativo de promover a literacia mediática entre o público. Estas questões são vitais, não apenas para a compreensão da cobertura da guerra russo-ucraniana, mas também para a avaliação mais ampla do estado da informação e do jornalismo contemporâneo.

As conclusões desta pesquisa destacam a necessidade premente de desenvolver estratégias eficazes para mitigar a desinformação em contextos de conflito e cobertura mediática. A verificação de factos é uma estratégia fundamental na luta contra a desinformação. Organizações de verificação de factos desempenham um papel fundamental na avaliação da veracidade das informações e na correção de falsas narrativas. Governos, plataformas de redes sociais e organizações da sociedade civil podem apoiar o trabalho dessas entidades e promover a disseminação de informações verificadas.

Promover a literacia mediática acaba também por ser um passo crucial. A educação mediática deve ser integrada ao currículo escolar e também deve ser direcionada a adultos através de formações possivelmente financiadas pelo governo. As pessoas precisam de desenvolver habilidades críticas para avaliar a qualidade das fontes de informação e identificar táticas de desinformação. Contudo, as organizações de *media* também devem fornecer informações claras sobre a sua missão, financiamento e métodos de coleta de notícias, ajudando assim o público a avaliar a confiabilidade das fontes.

## **5. LIMITAÇÕES DA PESQUISA**

### **5.1. TAMANHO DA AMOSTRA**

O tamanho da amostra, composto por 50 participantes, é uma limitação substancial. Amostras pequenas têm potencial de gerar resultados menos representativos e menos confiáveis. Isso significa que os resultados obtidos nesta pesquisa podem não ser generalizáveis para a população em geral. A capacidade de tirar conclusões abrangentes e confiáveis a partir de uma amostra tão limitada é comprometida. Além disso, uma amostra maior permitiria a exploração de diferenças nas crenças e atitudes em relação à guerra na Ucrânia entre subgrupos demográficos, tornando a pesquisa mais abrangente.

## **5.2. VIÉS DA AUTOAPRESENTAÇÃO**

O viés da autoapresentação é uma preocupação em pesquisas que dependem de respostas autodeclaradas. Os participantes podem sentir a pressão de se apresentar de uma maneira socialmente aceitável, politicamente correta ou de acordo com o que acreditam que os pesquisadores esperam. Isso pode levar a uma subestimarão de crenças impopulares ou controversas e a uma superestimarão de opiniões mais amplamente aceites. Para mitigar este viés, técnicas como a garantia do anonimato nas respostas e a combinação de dados autodeclarados com observações objetivas foram utilizadas.

## **5.3. VIÉS DA AMOSTRA**

A amostra recrutada por conveniência é uma limitação que afeta a generalização dos resultados. A escolha de recrutar participantes com base em conveniência pode levar a uma amostra que não é verdadeiramente representativa da diversidade de opiniões e experiências da população em relação à guerra na Ucrânia. Isso é particularmente relevante se a amostra se concentrar predominantemente num grupo demográfico específico, o que acaba por não ser o caso. A falta de aleatoriedade na seleção pode ter levado a resultados tendenciosos, tornando-os menos generalizáveis.

## **5.4. MEDIÇÃO DE CONFIANÇA NA PRECISÃO DE NOTÍCIAS**

A medição da confiança na precisão das notícias por meio de uma escala subjectiva é uma limitação inerente. A confiança é um constructo multifacetado e subjectivo que pode variar amplamente de pessoa para pessoa. Além disso, uma escala subjectiva pode não capturar a intensidade da confiança. A interpretação da confiança pode ser influenciada por fatores não medidos nesta pesquisa, tornando difícil a obtenção de uma compreensão completa das atitudes em relação à confiabilidade das notícias. Pesquisas futuras podem explorar abordagens mais objetivas para avaliar a confiança, como a análise de conteúdo de notícias e o comportamento de consumo de notícias.

## **5.5. LIMITAÇÕES TEMPORAIS**

As limitações temporais representam uma consideração crítica. Esta pesquisa captura as crenças e atitudes dos participantes num momento específico. As percepções sobre eventos e conflitos, como a guerra na Ucrânia, podem mudar rapidamente à medida que novas informações emergem e os eventos evoluem. Portanto, os resultados desta pesquisa são representativos de um ponto no tempo e podem não refletir as mudanças nas percepções que podem ocorrer no futuro. As conclusões são "fotografias" de um momento, e essa dinâmica em evolução é uma limitação inerente a esta pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

Dolin, V., & Milhazes, J (2023). *A Mais Breve História da Ucrânia*. Leya.

Fernandes, A. (2021). *O que é a Guerra. A Falácia do Conceito de Guerra Híbrida - Breve Excurso*.

Fernandes, H. M. M. (2016). *As novas guerras: o desafio da guerra híbrida*. Revista de Ciências Militares, 4.

Ferreira, G.B. (2020). Populismo e desinformação em tempos de Covid-19: Um estudo empírico sobre redes sociais e infodemia. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, (11), 11-26.

Ferreira, M. (n.d.). *A Ucrânia, a Rússia e a Europa pós-Crimeia*. Recuperado de [https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2941/1/2.11\\_MarcosFarias\\_Ucrania.pdf](https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2941/1/2.11_MarcosFarias_Ucrania.pdf)

Galito, M. S. (2017). *Populismo: conceptualização do fenómeno*.

Graça, J. R. P. (2022). *O espaço dos media digitais como ambiente de promoção da consciencialização social: o caso da invasão da Ucrânia* (Tese de Doutoramento).

Gardner, F. (2023, Fevereiro 18) *O que é guerra híbrida? Por dentro do centro de estudos que investiga ameaça*. BBC News Brasil. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60304746>

Itagiba, G. (2017). *Fake news e Internet: esquemas, bots e a disputa pela atenção*. ITS. Recuperado de <https://beta.itsrio.org/pt/publicacoes/fake-news-internet-esquemas-bots-disputa-atencao>

Mielniczuk, F. (2006). *Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS*. *Contexto Internacional*, 28(1), 223–258.

Milmo, D. (2022) *Analysts identify top 10 “war myths” of Russia-Ukraine conflict*. The Guardian. <https://www.theguardian.com/world/2022/mar/03/russia-ukraine-conflict-top-10-war-myths-newsguard>

Moura, L. S. B. de. (n.d.). *Sobre a guerra híbrida*. Artigo de Bruno Cava. Recuperado em 25 de outubro de 2023, de <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/617872-sobre-a-guerra-hibrida-artigo-de-bruno-cava>

Oliveira, C. A. J. F. de. (n.d.). *Guerra Híbrida*. REVISTA MILITAR. Recuperado em 24 de outubro de 2023, de <https://www.revistamilitar.pt/artigo/1576>

Paúl, F. (2022) *Rússia x Ucrânia: entenda “guerra híbrida” que ucranianos acusam Putin de promover*. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60304746>

*Polígrafo SIC*. (n.d.). SIC Notícias. Recuperado em 25 de outubro de 2023, de <https://sicnoticias.pt/programas/poligrafo>

*Polígrafo SIC: vídeos manipulados e notícias falsas na guerra da Ucrânia*. (2022, Março 14). SIC Notícias. Recuperado de <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-14-poligrafo-sic-videos-manipulados-e-noticias-falsas-na-guerra-da-ucrania>

Tribuna, M. (2022). *Ataque à Ucrânia foi feito em três frentes: a partir do norte, leste e sul. Invasão decorre “em larga escala.”* Expresso.

Visão. (2022, Abril 28). *Ucrânia: Guterres recusa “trabalhar para brilhar na imprensa” com afirmações “nocivas” para ação da ONU*. Visão. Recuperado de <https://visao.pt/atualidade/mundo/guerra-na-ucrania/2022-04-28-ucrania-guterres-recusa-trabalhar-para-brilhar-na-imprensa-com-afirmacoes-nocivas-para-acao-da-onu/>

SAPO. (n.d.). *Polígrafo*. Polígrafo. Recuperado em 25 de outubro de 2023, de <https://poligrafo.sapo.pt>

